

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 29/11 A 5/12 DE 1976

ANO II

Cr\$ 2,00

N.º 75

ARQUIVAR

NO GERAL,
A OPOSIÇÃO
FOI QUEM VENCEU.

(página 3)

ADEMÉRCIO
EXPLICA AÇÃO
CONTRA PEDRO.

(página 16)



O POVO ESPERA TUDO DO NOVO
PREFEITO: SERIEDADE, OBRAS E ATÉ
LANCHONETES.

(página 8 e 9)

Impresso-padrão n.º 1984

Pode acontecer a qualquer um. Portanto, se um dia você for candidato a qualquer cargo eletivo, não conseguir se eleger e for entrevistado pela imprensa escrita ou falada, logo após o pleito, responda conforme as instruções abaixo.

Pergunta: O que você achou dos resultados?

Resposta: Como democrata que sou, respeito a decisão das urnas, vale dizer, respeito a decisão da maioria. Sinto-me feliz pelo fato do pleito ter transcorrido dentro da mais absoluta ordem, o que demonstra o grau de amadurecimento político do nosso povo. Quero agradecer aos.....(números de eleitores que votaram em você) eleitores que depositaram seus votos em meu nome e lamento apenas que não tenhamos conseguido ser a maioria. Quero deixar meu agradecimento também à Justiça Eleitoral pela maneira como conduziu os trabalhos, quer na recepção dos sufrágios, quer na apuração dos mesmos.

Pergunta: O que o senhor achou da vitória do Sr.....(nome do candidato vitorioso)?

Resposta: Tenho pelo Sr.....(nome do vitorioso) o maior respeito, embora estejamos em campos opostos, do ponto de vista político. Considero um homem sério e capaz de administrar com correção nosso tão sofrido Município, especialmente os bairros onde vivem as pessoas mais humildes a quem a sorte menos favoreceu. Contudo, como oponente político, cabe a mim o dever de, na medida das minhas possibilidades, manter constante vigilância nos rumos que o Sr.(nome do vitorioso) imprimirá à sua administração. Serei, como tenho sido sempre, um fiscal do povo na defesa dos interesses desta comunidade a que pertencem e pela qual tenho procurado trabalhar.

Pergunta: Quais são os seus planos para o futuro?

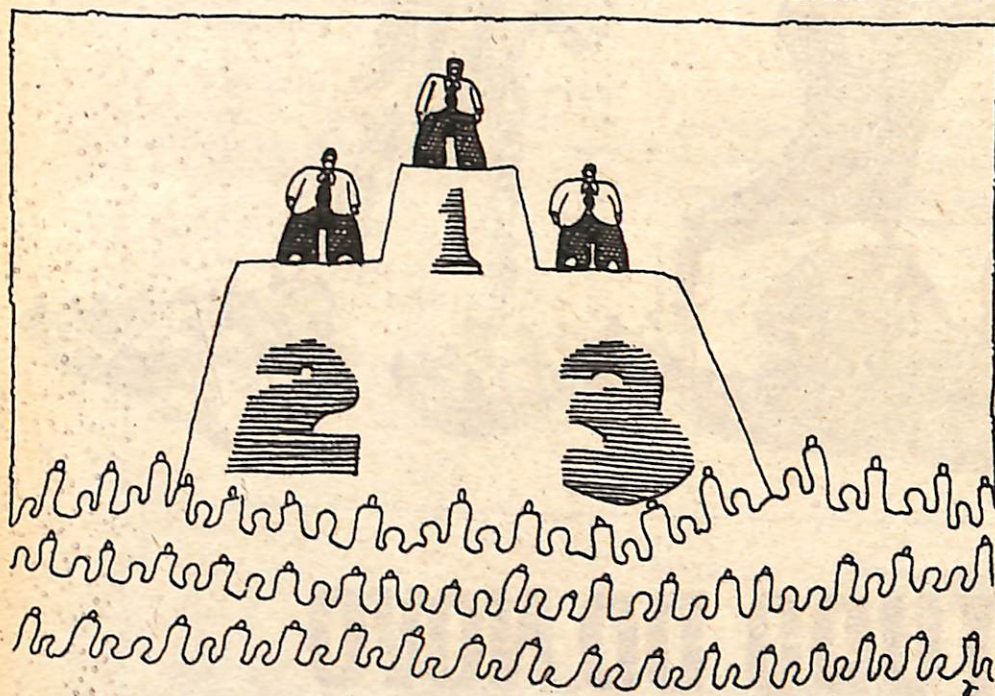
Resposta: Considero que ainda se-

ja muito cedo para falar a respeito dos meus planos. A campanha foi estafante e creio merecer algum tempo para me refazer. Todavia, estarei pronto a aceitar uma nova convocação para lutar em favor da causa comum. Se o povo me chamar, responderei: presente!

Pergunta: Algum ressentimento, alguma queixa quanto à campanha?

Resposta: Nada, absolutamente nada. Ao contrário, quero deixar público meus cumprimentos aos meus adversários que souberam conduzir toda a longa campanha em termos elevados e de respeito total, sem jamais descer a ataques pessoais ou a qualquer outro tipo de agressão, moral ou física. Creio mesmo que a campanha deste ano teve o mérito de ser uma das mais tranquilas e democráticas de toda a história das nossas disputas eleitorais. Acredito que, sob esse aspecto, nossa cidade pode orgulhar-se por ter dado um exemplo de civilidade, não apenas a outros Municípios do Estado, como a muitos do País. Reconheço que muito dessa tranquilidade foi devida à forma equidistante como os diversos órgãos do Poder Público se mantiveram. Mas, reafirmo, o grande responsável pela harmonia reinante durante toda a campanha eleitoral deste ano, foi o povo desta cidade, cuja vocação é a paz dentro da ordem. Para finalizar, quero cumprimentar a vocês, dessa exemplar organização que sempre nos apoiaram e jamais se valeram do poderoso instrumento de comunicação que têm à mão para proteger esta ou aquela agremiação partidária. Transmita ao diretor da(nome da editora do jornal, ou da emissora de rádio que está entrevistando) os meus parabéns também pela magnífica cobertura que vocês deram às eleições deste ano, como aliás vêm fazendo em todos os pleitos. Esse tipo de.....(jornalismo ou rádio, conforme o caso) sadio é motivo de muito orgulho para todos nós. Muito obrigado.

Erazé Martinho



LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

disque: 434-8648

Se há um fato surpreendente nessa sucessão de escândalos administrativos e crises políticas que envolve o MDB nos últimos meses, é exatamente a surpresa que vem causando não só aos aturidos membros da Oposição, mas principalmente aos eleitores que votaram maciçamente no partido em 1974, e que em boa parcela voltaram a fazê-lo nas últimas eleições.

Por que tanto espanto quando um Lauro Péricles abandona o MDB e imediatamente se coloca em campanha eleitoral por um candidato da Arena, aliás também ele recém saído dos hostes opositores de Campinas? Ou quando um deputado do MDB denuncia pública e inesperadamente irregularidades administrativas em uma Assembléia dirigida por seus colegas de partido?

Qual a surpresa na denúncia de que o presidente do Poder Legislativo estadual, deputado do MDB, gastou milhares de cruzeiros de sua verba de representação na compra de lingerie, eletrodomésticos e outros objetos nada parlamentar em uma faraônica viagem a Manaus no jatinho emprestado pelo próprio governador?

Algum jundiense terá arregalado os olhos de espanto diante da exemplar fidelidade ao MDB demonstrada pelo locutor-vereador Rolando Giarola ao longo de seu mandato?

Na semana passada, logo depois de ser chamado "arauto da subversão na Assembléia" pelo deputado Leonel Júlio, a quem tinha criticado por causa do chamado escândalo das calcinhas, o deputado Alberto Goldman lamentou que "existam homens desse tipo na vida nacional". E acrescentou:

— Nós sempre acusamos os Dinarte Mariz, os Cantidios Sampaio. Sempre acusamos esses homens, pensando que eles existiam apenas na Arena, mas hoje podemos ver que eles também estão colocados no MDB.

Esse desncanto de Goldman e dos próprios eleitores do MDB, na verdade, só pode ser creditado à emoção. A razão, nunca. Porque a surpresa e o desencanto não resistem à mais simples análise racional dos fatos e das condições recentes da vida política do País.

Basta lembrar que, em 1974, o então pequeno despreparado e desacreditado MDB nem ao menos conseguia arranjar abnegados que preenchessem as suas listas de candidatos. O partido tinha sido arrasado nas eleições de 72. Quem se disporia a servir de pasto para os leões da Arena? Além disso, a marginalização da classe

política durante o período de Médici tinha eliminado qualquer encanto da atividade parlamentar. Sem poder formar uma boa seleção de candidatos, o MDB teve de se contentar com um time de várzea.

Então, surpresa: o vendaval de votos que a insatisfação coletiva lhe proporcionou transformou de repente o modesto time de várzea em campeão.

Tenho um amigo no Paraná — economista, professor universitário, sujeito inteligente e popular — que esquivou-se como pode ao convite para ser candidato a deputado federal. Seu sonho era exatamente esse, mas não quis arriscar-se a uma derrota que poderia acabar com seus planos futuros. O MDB paranaense acabou apresentando bem menos candidatos do que podia. Esse meu amigo se morde de raiva até hoje: o MDB de lá elegeu todos os seus candidatos e ainda sobram votos para mais alguns.

Garanto que boa parte desses eleitos — hoje respeitáveis membros do Congresso Nacional — não tinha preparo nem para uma humilde vereança. E esse, guardadas as devidas proporções e as sempre respeitáveis exceções, é o retrato do MDB brasileiro.

Junte tudo isso, bata bem, ponha no forno e veja se o resultado não teria de ser o que agora estamos assistindo.

A culpa, evidentemente, não é do MDB, mas das próprias condições políticas a que nos referimos. Daí os generalizados elogios dos setores mais esclarecidos da Nação aos propósitos e esforços do presidente Geisel de buscar o aperfeiçoamento político do País. Declaração recente de um parlamentar paulista, em Brasília: "Esse é um caminho longo, é claro, mas deve ser percorrido. Uma democracia não evolui de um dia para outro, nem se pode esperar que de repente nos caia do céu um País perfeito. Pode-se, isto sim, esperar que a prática democrática nos traga dias melhores. Quanto mais o povo participar das decisões de seu País, melhor saberá tomar essas decisões".

O que o parlamentar quis dizer é que só o tempo e a prática da democracia livrarão a vida pública do País dos fatos e personagens que, hoje, surpreendem a opinião pública. Jundiá, de certa maneira, deu o seu exemplo: entre parar e continuar com os absurdos da administração atual, escolheu a primeira hipótese; e o fiel locutor opositorista Giarola recebeu das urnas, ainda que indiretamente, um tratamento à altura de sua atuação.

Além disso...

Comentada na cidade a longevidade política do sr. Pedro Fávoro, que derrotou duas gerações nas urnas. Em 1966, derrotava Nicolino de Luca, o pai. Em 1976, derrotava Rubens de Luca, o filho.

Causando uma certa espécie a súbita euforia esportiva do governador Paulo Egydio. Ele apareceu nos vestiários do Corinthians duas vezes em uma semana, nas vitórias contra a Ponte Preta e o Internacional, abraçando os jogadores. Aguarda-se com expectativa seu comportamento na primeira derrota corinthiana.

Todo mundo correu para se banhar na cachoeira arenista de votos em Jundiá, depois que terminaram as apurações. Antes das eleições, ninguém queria colocar a mão no fogo pela sigla Arena. O desprezo que muita gente demonstrou nutrir por ela, transformou-se subitamente em desvairada paixão.

A derrota da Arena em Campinas foi o resultado de uma estratégia planejada pelo prefeito exemedebista Lauro Péricles juntamente com altos escalões federais, para concentrar a atenção das lideranças opositoristas naquela cidade, enquanto deixavam as outras cidades do Estado livres para a ação do partido governista. Esta explicação, engendrada pelo próprio Lauro Péricles, foi sem dúvida a mais fantástica das desculpas apresentadas por um derrotado neste 15 de novembro. Pena que fontes do Planalto a tenham desmentido, deixando o sr. Lauro numa posição incomodamente ridícula.

Num dos últimos comícios da campanha eleitoral em Campos, no Rio de Janeiro, um candidato a vereador, entusiasmado, bradava que aquela era "a última oportunidade" que dava ao povo do município de elegê-lo.

O povo desperdiçou a chance.

O NOVO COLABORADOR

(Sérgio Rondino, novo colaborador do Jornal de 2ª, é sub-editor de Política do Jornal da Tarde, professor de Jornalismo Informativo da Faculdade Objetivo de Comunicações. Foi diretor de redação do jornal "Panorama", de Londrina, e diretor do semanário "Registro", de Jundiá.)

"O Estado" analisa.

Sob o título geral "As muitas vitórias e derrotas deste eleição", o jornal "O Estado de São Paulo" (21/11/76) publicou três interessantes análises das eleições do dia 15 de novembro, cuja conclusão demonstra que a oposição foi vitoriosa, em termos de MDB nacional, e da simples oposição (sublegendas arenistas) nas cidades mais importantes do interior de São Paulo: as com mais de 100 mil habitantes.

Transcrevemos abaixo, parte da análise de Eduardo Brito da Cunha ("Resultados mostram que velhos partidos subsistem"), onde o analista descobre vestígios dos extintos partidos nas disputas municipais.

"A oposição venceu as eleições municipais do dia 15 no interior de São Paulo. Essa oposição vitoriosa não foi, porém, a oposição nacional, o MDB. Mas oposições locais, participantes de uma disputa expressa mais frequentemente em termos de Arena-1 contra Arena-2 do que em termos de Arena contra MDB.

Essa regra geral mostra-se especialmente válida nas principais cidades do Estado. Dos 24 municípios paulistas com mais de 100 mil habitantes, a oposição venceu em 21. Nelas os prefeitos que encerram mandato não conseguiram eleger seus sucessores ou, nos casos em que há votação apenas para vereador, as Câmaras terão maioria oposicionista.

Araraquara, Guarulhos, Osasco, Santo André, São Bernardo, São Caetano, Sorocaba e São Vicente, que estavam sob controle da Arena, passaram ao MDB. Em Taubaté aconteceu o inverso, com a derrota do MDB. E, em Piracicaba, apenas uma estrita maioria de 86 votos garantiu a presença do MDB na Prefeitura, servindo para caracterizar uma exceção. Já em Ribeirão Preto, Franca, São José do Rio Preto, Bauru e Jundiaí, por exemplo, os prefeitos arenistas foram derrotados por sublegendas, embora o partido mantivesse o controle sobre seus municípios. Lauro Péricles, de Campinas, não garantiu a seu

candidato mais que 26% de seu eleitorado.

Os exemplos são ainda mais frequentes nas cidades que têm entre 50 a 100 mil habitantes. Garatinguetá, que o MDB perdeu; Guarujá, onde o ex-presidente Jânio Quadros empenhou-se na campanha de um candidato arenista derrotado; Lins, tomada por um MDB que há pouco tempo sequer existia; Assis, onde a Arena ganhou a primeira eleição em vários anos; Americana; São João da Boa Vista, estão entre eles.

AS VELHAS LEGENDAS

Essa vitória das oposições locais serve para revelar, ao lado da insatisfação com as atuais administrações municipais, o pouco significado das duas agremiações criadas em 1965-66. Na grande maioria das cidades do Interior de São Paulo as lutas políticas colocaram frente a frente, na verdade, os antigos PSP e UND, PTB e PR, PSD e PTN. Ou, até mesmo, subdivisões desses velhos partidos, como os fragmentos do PSP que ainda obedecem à voz do filho de seu chefe Ademar de Barros e os que não aceitam esse liderança.

Hoje, a existência de Arena-1, Arena-2, frequentemente, de Arena-3 são as consequências dos antigos conflitos locais. O mesmo acontece com MDB-1, MDB-2 e MDB-3, às vezes abertamente

identificados com lideranças como as dos senadores Montoro e Quéricia.

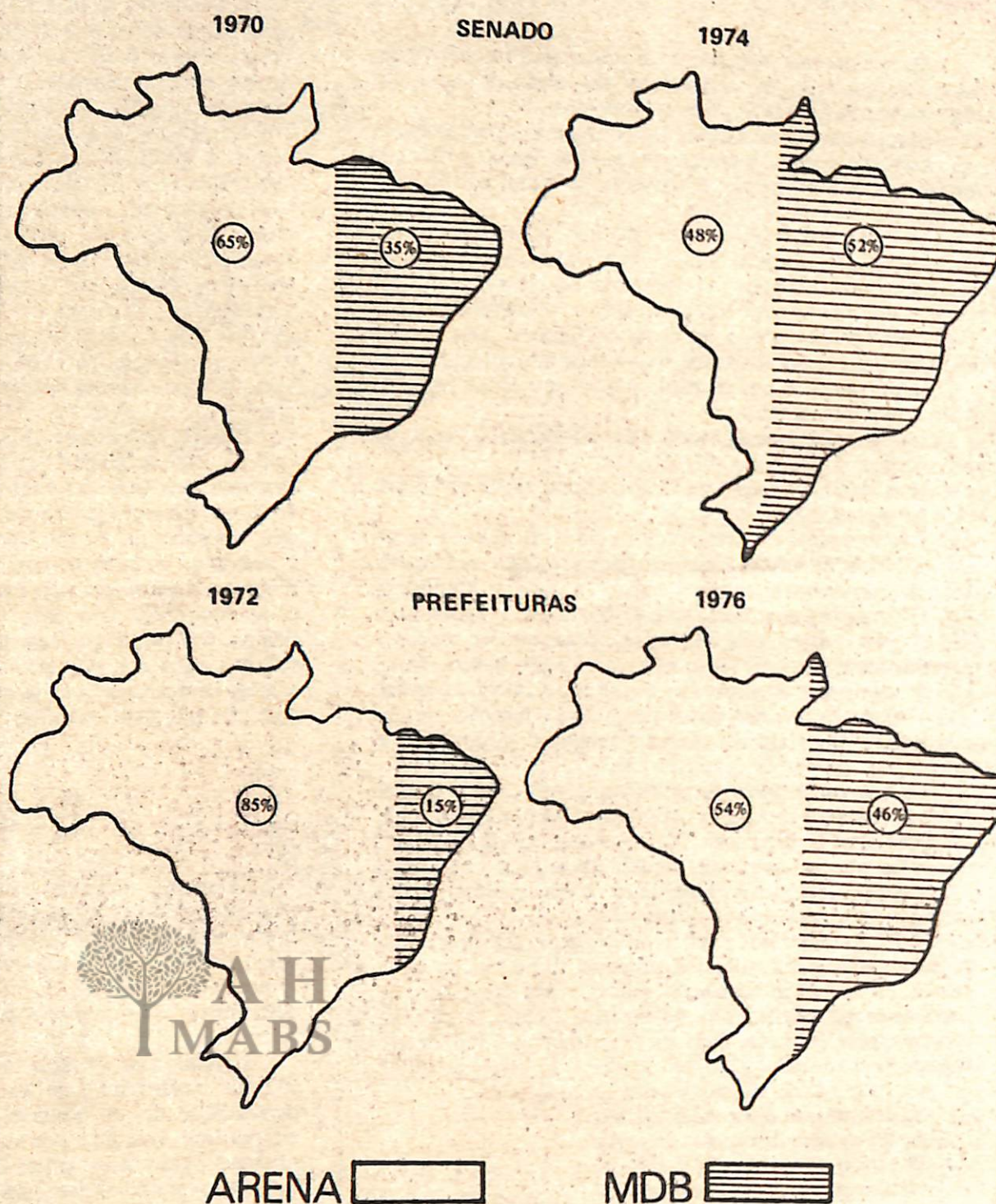
Essa persistência revelou-se nos temas da campanha.

Assuntos como o Ato Institucional n.º 5, o decreto lei 477 ou a reforma constitucional raramente foram mencionados pelos candidatos, exceto na Capital e em

um ou outro grande centro urbano. A votação baseou-se efetivamente no jogo de forças locais, tradicional e irreconciliavelmente opostas". (...)

O crescimento do M.D.B

Baseado nos dados dessa mesma edição de "O Estado de São Paulo", elaboramos os gráficos que mostram a posição do M.D.B., a partir das eleições de 1970 (Senado, Câmara e Assembléias), até as últimas eleições municipais.



As porcentagens referentes a 1976 foram baseadas em números ainda não finais.

POSIÇÕES. EM INGLÊS, "POSITIONS".

Em imprensa, pior que a tendenciosidade é a babaquice.

Os comentaristas (?) políticos do "Jornal da Cidade" jogam e gingam em ambos os campos, justiça lhes seja feita.

O mais recente exemplo dessa perícia (pelo menos até o dia em que estas linhas foram escritas) ficou demonstrado nos comentários a respeito da Justiça Eleitoral nas eleições do dia 15.

Diante das minhas queixas contra o desrespeito à lei Etelvino Lins (queixas que o citado diário fez questão de qualificar de "denúncia"), repórteres e editorialista le-

vantaram suas vozes em defesa da Justiça Eleitoral, chegando mesmo a publicar as palavras da fita da gravação da entrevista que concedi à Rádio Difusora, para que o "crime" e a "ofensa" ficassem registrados com todas as suas letras. Era o deduzimento em sua forma mais aperfeiçoada.

Dias depois, porém, o mesmo jornal publicava, na seção "Diz-que-Diz", comentários do TSE em que o presidente daquele órgão afirmava seu descontentamento com a participação "das nossas autoridades" nas eleições.

Eis a íntegra da nota que o "JC" publicou, com a espinha curvada, como sempre o faz diante de uma voz que represente qualquer poder instituído:

"Os critérios de normalidade eleitoral das nossas autoridades não andam correspondendo muito ao que dizem os dicionários. Este foi o adjetivo empregado pelo presidente do TSE para definir o pleito do dia 15, no qual houve tudo: tiros, facadas, bofetões, cabala de votos, denúncias de corrupção e até mesmo uma tentativa de dinamitação de uma ponte". (E.M.)

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1044 - Tel: 434-8648
Redator Chefe: Carlos Veiga
Ilustração: Décio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue
Impressão: Departamento de Off-Set do
"Diário do Povo" - Campinas

JORNAL DE 2ª

TODA 2ª FEIRA NAS BANCAS



Canto Chorado

Dinheiro de sacristão na sorte dos "chupetas"

Os boatos recrudescem lá na praça. Na Praça da Corja, como a qualificou um personagem para quem, em hora assada, acabam de fechar as portas da imprensa.

Mas, como vínhamos dizendo, os boatos recrudescem lá na praça. E em meio d'eles, novas apostas daqueles mesmos gozadores que encheram os bolsos c'oa derrubada do reinado.

Os "chupetas" vão p'ra rua por sua espontânea vontade, ou um decretozinho maroto terá que botar um stop na vidinha mansa dos cujos? — eis o tema das apostas.

É que, depois de terem levado o pé-no-saco, alguns d'eles não se cansam de apregoar o "Ganhou, mas não leva... Não que pagar, isso sim, o que devem ao município"...

Ora, aí está. Pensando bem, o que é que tem a ver o reboło com o reboło?

Ganharam e levam, como não, porque na vontade do povo o povo é quem manda.

Mas, deixemos isso p'ra lá. Seria botar azeite na lamparina do inconformismo.

O que aguça, de fato, a curiosidade da gente é sacar, por antecipação, como é que os gajos vão fazer as despedidas, se por conclusão de tempo, se pela compulsória.

Os mais fogosos dizem que a "baixa" vai ser toda num dia só, pela compulsória; outros asseguram que vai ser devagarinho, com um aproveitamento de 50 por cento. Seria, (quem sabe) uma taxa razoável, que não envolva o pessoal da laranjada, os habitués dos restaurantes, o time do "vamos continuar", que, afinal, são os "chupetas" propriamente ditos.

Os tais apostadores, jogando como estão, com "dinheiro de sacristão", procuram agora quem queira cruzar a grana. Para eles, o bota-fora vai ser numa tacada só. Quem discordar que se apresente. Aquela dinheirama abiscoitada nas eleições está dando sopa para os que queiram a desforra.

Sim, porque o que está feito ninguém rasga. Essa transa de mandar o Elí a Brasília procurar chifre na cabeça de cavalo, já era. Se o homem é fajuto, como apregoam, deviam tê-lo pegado no ato do registro. Agora, como diz, o vulgo, Inês é morta. Reis posto, também, é reis morto. A história o atesta.

Se esse reis foi destronado
Antes mesmo de reinar
Por ter o povo cansado
Não querer mais continuar
De que adianta ir a Brasília
P'ras eleições anular?...
Se uma outra for marcada
Nova surra irão provar.

Simão

Requerimento aos Srs. Historiadores - s/n.o

À medida em que as sociedades se desenvolvem, cada vez mais o cidadão, o homem comum, o homem da massa — feito o personagem chapliniano de "Tempos Modernos" — é afastado da origem e do fim dos fenômenos sociais do seu tempo, passando de agente consciente a mero gesticulador, dentro do processo histórico.

Longe de achar que a culpa desse alheamento é exclusiva do cidadão, creio, isto sim, que existe todo um esforço do Sistema, no sentido de facilitar a acomodação do homem comum, para que ele, diante do "status quo", sintase pequeno-demais, cifra-demais para tentar alterar o "destino" das coisas — seja o seu emprego, seja a sua nação. Ou, pior ainda, um esforço para fazer com que o homem comum concorde sempre com os rumos impostos à vida da comunidade, da qual a sua vida faz parte.

Por acreditar que a História não se encerrou na última página do livro adotado pelo mestre-escola mas, ao contrário, está sendo escrita no dia-a-dia de todos nós; por acreditar que, mais do que nunca, é preciso conscientizar o cidadão, o homem comum, o homem de massa a respeito do papel importante que ele pode representar no curso dessa História cotidiana; por sentir que essa tarefa se torna mais difícil a cada dia, pois poucos são os que conseguem se desmassificar, já que o "sucesso pessoal", "a paz para trabalhar", o "melhores dias

virão" são slogans poderosos, repetidos até o cansaço, com a intenção de alimentar, em cada um de nós, a inércia-conveniente; e considerando que:

— Virgílio Torricelli jamais aceitou a condição de homem-cifra de "yes man" diante das coisas que, com ou sem intenção declarada, ameaçaram comprometer o curso da história da nossa cidade;

— Virgílio Torricelli sempre esteve disposto a deixar a "tranquilidade" da sua vida particular para participar de todos os movimentos que exigiram pessoas corajosas e honradas para a defesa da causa maior;

— Virgílio Torricelli, com o equilíbrio que a experiência da vida lhe deu, soube sempre ajustar (tornar justo) o calibre dos disparos a serem dirigidos contra adversários da causa comum, sendo, por isso, o grande responsável pela conduta menos apaixonada dos seus companheiros de luta;

— Virgílio Torricelli deu a muitos de nós, deste semanário, o exemplo do companheirismo, nas horas em que a dispersão poderia ter ocorrido, tamanho era o poder de pressão dos inimigos da nossa causa, da causa comum;

Requeiro, aos historiadores de Jundiá, seja reservada a esse homem a página especial que ele merece, por sua participação na História desta cidade.

Erazé Martinho

E o povo disse não...

Calaram-se as urnas para um período de hibernação que se estenderá até 15 de novembro de 1978, quando teremos novas eleições de governadores, deputados e senadores.

Jundiá, que durante os últimos quatro anos provou os ressaibos de um clima sócio-político sacudido por sucessivos entreveros entre o povo e o prefeito, deve desfrutar dessa aura pacifista que se vaticina sob a égide da futura administração municipal.

Paz sem Ibis, já que com ele malograram todas as tentativas de bom entendimento junto às camadas pensantes tangidas pela rompância de um gestor que supervalorizou o cargo a ponto de entender que poderia dominar tudo e todos através de correntes estranhas ao convívio social, importando de outras plagas seus assessores do primeiro escalão e atrelando ao interesse do município homens e empresas de grande poder econômico que passaram a fazer de nossa terra presa fácil e submissa aos seus acometimentos lucrativos.

Todo o serviço público aqui realizado, desde o mais ao menos importante foi empreitado por empresas e particulares de fora. As próprias concorrências públicas implicando centenas de milhões de cruzeiros foram ajuizadas por pessoas alheias à cidade como se estivéssemos habitando uma região totalmente ocupada por ignorantes.

Esse comportamento por assás estranho do prefeito, aguçou os animos e a curiosidade de certos setores de

atividade que passaram a analisar mais de perto as tendências inconfessáveis da administração.

A partir daí começaram a recrudescer as críticas que culminaram com a mais acirrada oposição que um prefeito possa suportar incolumemente. A história não registra e provavelmente jamais registrará capítulos de choques políticos e sociais como os que tivemos ocasião de presenciar nestes quatro anos decorridos.

O resultado das eleições é uma afirmação dessa assertiva.

Forte e inusitado poderio econômico esteve a disposição do prefeito no afã de eleger como seu substituto o sr. Arnaldo Martins do Reis, Secretário da Saúde Municipal e sócio em negócios imobiliários que transacionaram ao comum. Não obstante, foi ruidosamente derrotado, não alcançando além de vinte por cento na preferência do eleitorado.

Por força desse evento, há que se admitir totalmente destruída a política briguenta do prefeito e a veleidade do vamos continuar — jargão que serviu de cavalo de batalha nos prodromos eleitorais.

Cumpra agora, ao recém-eleito, desarmar os espíritos. Se não apagar de todo as malquerenças incontornáveis cultivadas neste período administrativo, pelo menos atenuar os seus efeitos com um relacionamento sem a eiva de recalitrâncias e desafios pueris contra aqueles que, porventura, venham a discor-

dar das diretrizes do novo governo que se implantará a 31 de janeiro vindouro.

Nestas colunas, desde os primórdios de nossa existência, sempre propugnamos pela causa do povo, sem quaisquer escopos subjetivos de vantagens imediatas ou transcendentes.

Assiste-nos pois, como credores da confiança popular, o direito de falar em nome da coletividade de cuja comunhão nem por um instante estivemos distanciados, deixando sempre em plano secundário o interesse pecuniário muito embora sabendo que o dinheiro que açaimou as vozes de alguns jornais é elemento indispensável à sobrevivência da indústria publicitária.

Eis porque debruçados na janela da cidade, permanceamos como até aqui, ventilando para o povo os acertos e desacertos administrativos, não regateando a nossa objurgatória sempre que o fato exigir. Alimentamos a esperança todavia, que o novo gestor, governando com equilíbrio e isenção de animos saiba respeitar seus opositores não se esquecendo os seus compromissos de bem aplicar o dinheiro dos contribuintes, não o consumindo em funcionalismo supérfluo ou propaganda de interesse pessoal, prática que muito deslustrou o malsinado governo cujas luzes estão prestes a se apagar.

Como se viu, o povo disse não. Não quer continuar.

Elcio Vargas

XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO
ROSA R.D. 523 FONE 6 3735

NOVIDADES/
Charme
CAÇADO/
ROSA R.D. 626

434-8648



FAÇA A SUA
ASSINATURA DO
JORNAL DE 2a.
O TELEFONE MUDOU,
MAS O JORNAL
CONTINUA.



Terra de ninguém.

...Olhou em torno: gamela,
Bancó, enxerga, caldeirão,
Vidro, parede, janela.

Casa, cidade, Nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia.

Ele um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

("O operário em construção",
Vinicius de Moraes).

Corria a década dos 20. São Paulo era uma cidade de 600.000 habitantes. Todos os dias aportavam os que perseguiam a fortuna, homens do interior a gente das estranhas. E de pronto se desiludiam porque o desemprego e os empregos mal remunerados escravizavam os necessitados. A única coisa em comum era a saudade do torrão natal, fosse a vila de Parnahyba ou uma cidade de Traz os Montes ou Sicília.

Os patrões, — comerciantes, industriais e os espertalhões (ah!, os espertalhões!) — faziam o jogo de uma situação econômica anômala, que hoje se chama inflação e que naqueles tempos era conhecida com a "carestia da vida". O hoje era mais caro que o ontem e enquanto tudo subia os salários achatavam-se, esmagados por super oferta de mão de obra, que chegava todos os dias; os imigrantes e os do êxodo rural. E os oligarcas se empanturravam.

O jornal "O Combate" publicava, naquela época, uma relação de preços mostrando a alta dos últimos quatro anos:

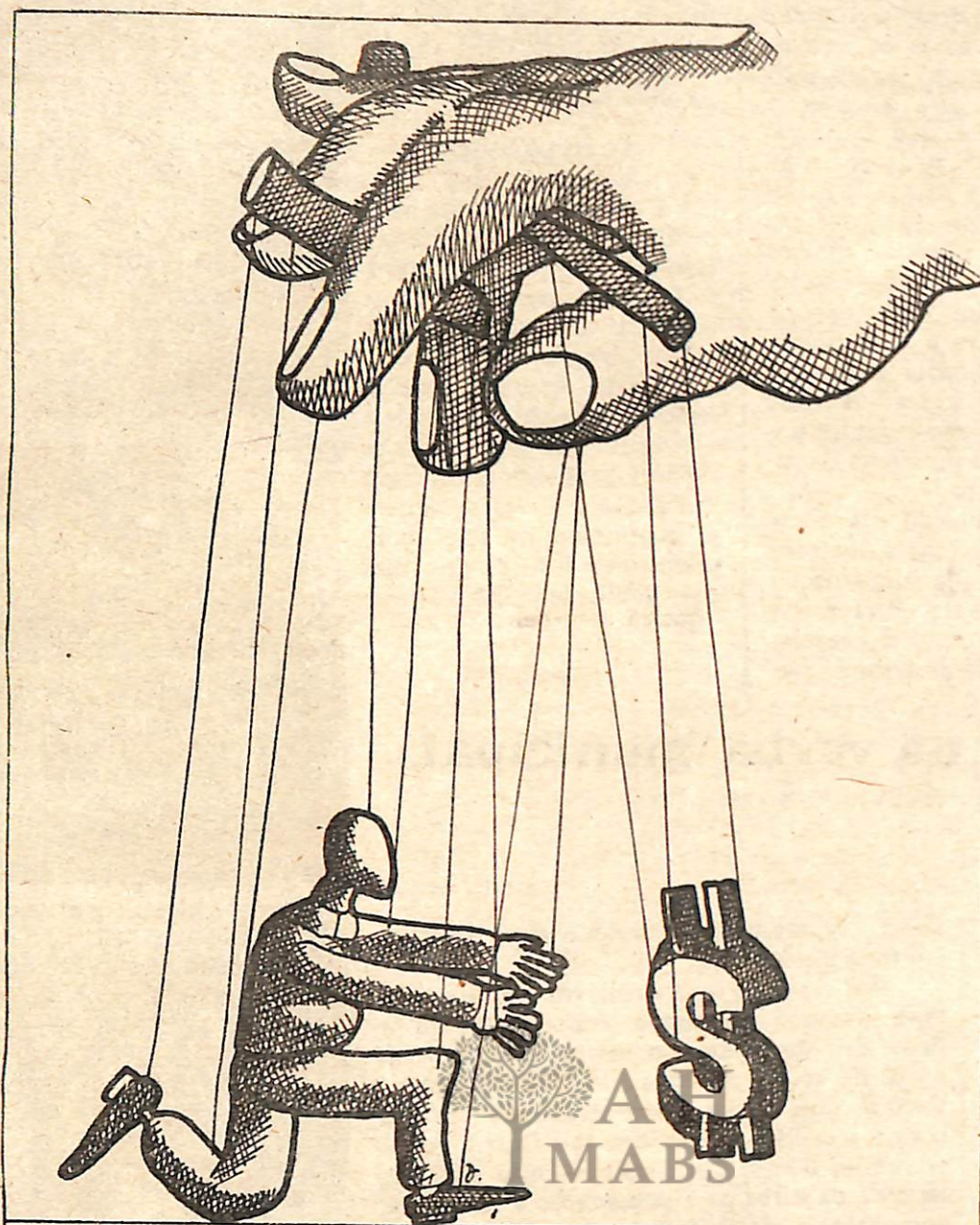
	1920	1924	
Arroz	1\$000.....	2\$200.....	55% a.a.
Açúcar	\$760.....	1\$300.....	42,8
Batata	\$600.....	1\$000.....	41,7
Banha	2\$300.....	6\$000.....	71,7
Came			
Seca	2\$200.....	3\$800.....	43,2
Café	1\$800.....	5\$800.....	80,6
Feijão	\$700.....	2\$200.....	78,6
Farinha	\$400.....	1\$200.....	75,0
Lombo	2\$800.....	4\$600.....	41,0
Massa	1\$200.....	2\$000.....	41,7
Sabão	1\$100.....	1\$600.....	36,4
Toucinho	2\$600.....	6\$500.....	62,5

Assim, a carestia montara em cerca de 29 a 30% nos últimos quatro anos, em média. Sem contar roupas, calçados e imóveis. Com a chegada de mais gente, todo santo dia, os imóveis subiam mais de 80% ao ano.

Tal situação provocou u'a manifestação da Câmara Municipal, através do vereador Orlando Prado. Disse ele, numa mensagem para fazer sua média:

"... cada vez mais impressionante se faz sentir, sobretudo pelas classes proletárias. São os operários, as classes pobres da sociedade, aqueles que não têm, nem podem, nos tempos de hoje acumular economias as quais padecem, — para não dizer as únicas que realmente sofrem — as consequências temerosas dessa crise de carestia que bem poderá ser, um dia, uma crise de fome" (Câmara Municipal, 14 de junho de 1924, anais, pag. 488).

Na hora dos discursos e das explicações os vereadores davam duro sobre os problemas. Na hora da votação, votavam com os oligarcas. Entre o Legislativo e o Executivo havia um espaço em branco, a terra de ninguém, ocupada pelo povo.



Diante da manifestação de legisladores, a Associação Comercial, poderosíssima, não poderia ficar silenciosa; e na mesma época, o jornal "O Estado de São Paulo" publicava este primor de manifesto:

"O problema do barateamento da vida, que há vários anos tem no Brasil ininterruptamente um aspecto de extraordinária preponderância, capaz de incurtir nas classes menos abastadas, que são a maioria do povo, sérias apreensões acerca do que lhes estará reservando o futuro. Vários e complexos fatores atuando simultaneamente nestes meses mais chegados, levaram a questão da carestia da vida a uma acuidade ante a qual não podiam permanecer indiferentes os poderes públicos, nem as corporações que têm alguma responsabilidade na trama que se opera para a distribuição de gêneros de primeira necessidade". ("O Estado de São Paulo", edição de 29 de março de 1924).

Na ânsia de justificar a própria voracidade, empurravam para os "poderes" públicos — ora os poderes! — uma ação que era só deles. E entre os comerciantes e suas burras havia também aquele vasto campo, a terra de ninguém onde o povo estrebuchava ao ser sugado.

A "Mensagem da Associação dos Trabalhadores no Comércio aos comerciantes de São Paulo" publicada no "O Estado de São Paulo" da época, reflete bem a situação: "Aumentando a carestia da vida, natural é que dificultoso de torne viver numa grande cidade. Assim nós os que constituímos uma classe, vimos perante o público levados por esse grito que irrompe de toda a parte, lançar um apelo aos se-

nhores negociantes na esperança de melhoria de condições com que possamos minorar a situação que dia a dia se torna asfixiante. Sendo a nossa uma das classes que mais concorreu para o adiantamento e prosperidade dos senhores comerciantes, justo é que pleiteemos que de direito nos cabe. Obrigados a manter entre os demais decência e linha, como se diz comumente, não o podemos fazer por exiguidade de ordenado que mal, muito mal, compensa a metade do esforço e boa vontade com que temos ajudado a se firmarem riquezas e renome. Todas as coisas aumentam extraordinariamente de preço; gêneros alimentícios, roupas, calçados, tudo tende a se elevar muito mais para gaudir talvez dos que unicamente ambicionam fortuna, sem a lembrança de que milhares de peitos anseiam esperança. A maior parte da classe é composta de rapazes que na capital longe da família, no estreito molde que um ordenado mesquinho lhes delimita, são sujeitos à incuria de toda espécie de moléstias que lhes advém da má alimentação em casas de pensão sem conforto, sem higiene, sem escrúpulo. Como se poderá trabalhar assim, fraco, combalido, sem a compustura que o meio, a sociedade a que servem requer? Urge por um termo à asfixiante crise por que atravessa a classe laboriosa de empregados no comércio. É a nossa classe a que mais tem se esforçado e despendido maior soma de energia, mal remunerada aliás: no entanto nem uma só vez pensou em erguer o seu protesto, atear pela palavra ou pela escrita a revolta, o levante, a greve. Incluídos na parte conservadora da população sofremos resignadamente, o que se torna agora insustentável pelas razões que são do desconhecimento geral. Nosso apelo é dirigido pois aos senhores negociantes a fim de que melhor compreendam que não podemos viver neste desconforto sem garantias que nos consolidem ao meio de vida, que nos proporcionem conforto e segurança. Não é deste modo que a classe pode trabalhar. Confiamos que os senhores negociantes saberão interpretar esse nosso apelo e levar em consideração o pedido de seus auxiliares. Assim fazendo..."

Não fizeram. Escutaram o ruído que vinha dos moradores da terra de ninguém, mas não ouviram.

A Federação Operária convocou tecelões. Naqueles tempos, o forte era o Comércio; a Indústria, em segundo lugar, era na maioria composta por fiações e tecelagens. Delineava-se a greve geral.

Os patrões continuavam surdos. Já em 1922 o deputado Joaquim Osório descrevia a situação: "Hoje, o Brasil, só não existe a subversão da ordem material. Temos a desordem financeira, caracterizada pela ditadura financeira em que está o país, temos a desordem econômica..." (Anais da Câmara dos Deputados, 1922, VII, pg. 422).

Manifestos nos jornais era o que não faltava, culminando com um manifesto dos militares descontentes:

"... A inobservância da Lei básica, a perversão dos costumes políticos e as usurpações governamentais romperam o equilíbrio dos três poderes, cujo princípio de harmonia e independência está hoje em dia desvirtuado pelo regime de compressão e de violências, de ódios e vindetas que anulam o Legislativo, que pervertem o Judiciário, dando às Leis e ao Direito, o cunho das preferências e paixões do Executivo. (Manifesto publicado a 17 de junho de 1924, no "O Estado de São Paulo").

Portanto os moradores da terra de ninguém, o povo, estavam entre quatro paredes: Forças Armadas, Legislativo, Executivo e Judiciário.

Será que o povaréu entendia isto? Ali estavam os imigrantes, que mal compreendiam a língua. Ali estavam os tabaréus vindo do interior, que também não entendiam: sabiam que o "paraíso" que tinham imaginado era uma esparrela incompreensível. Nem da conversa diária entendiam o significado real.

No bairro do Pinheirinho um grupo de bajuladores inaugurou num canto de rua um busto em homenagem ao então Presidente do Estado, Dr. Carlos de Campos, nem se sabia por que. Bajulação. Só.

Nosso amigo Faustão recém-chegado do interior, mais o Nicoló, recém-chegado da Itália e mais o José de Tal, mais conhecido como Zé Língua de Vaca, que língua mais áspero que a dele não existia, conversavam. Disse o Língua:

— Pois não é de vê que erigiram o busto do tal? Já se viu? Bustearam o tal ainda em vida...

E o Faustão:

— Ué, bustearam o tal pra quê?

E o Nicoló:

— Bosteamente? Per che, Madonna?

Sem trabalho, sem classificação operária, eram os biscateiros. Juntado-se aos demais, eram os habitantes da terra de ninguém.

Diretor do CTJ garante: corte não alterará nível de ensino.

O Colégio Técnico de Jundiaí está se preparando para enfrentar a nova realidade de 1977, com a redução da verba destinada à manutenção dos professores. Assim mesmo, seu diretor João Augusto de Oliveira afirma que não ocorrerão mudanças que prejudiquem os alunos, ou o nível de ensino.

A verba atual é de 6.668.584 cruzeiros; e possivelmente continuará a mesma, mas com o aumento do custo de vida, ela é insuficiente para atender os 1287 alunos, que hoje estudam nesta escola. Para resolver tal problema será diminuído o número de alunos, apesar de não se saber exatamente em quanto. Esse número será estipulado pelo governo do Estado, que é quem sustenta o colégio.

NA MESMA BASE

O Conselho Administrativo da escola decidiu reduzir o número de horas de aula do período diurno, antes integral, agora para somente 5 horas por dia, que darão um total de 30 aulas semanais durante 214 dias letivos. É uma pequena redução em termos de nível — explica o diretor — mas que não influenciará em nada para o aluno, porque a base fundamental continuará sendo dada. “Essa é a medida mais racional que encontramos para resolver o problema da redução de verba”.

A diminuição das horas de aula solucionará também o problema da alimentação e do transporte. Para essas duas coisas, o colégio recebe uma verba da prefeitura, que

tem sido insuficiente também, o que obriga a escola a cobrar uma taxa dos alunos, que é a diferença entre o custo do transporte e alimentação e a verba recebida da atual administração.

AS DEMISSÕES E OS CURSOS

Com a mudança do orçamento, os professores tiveram que ser demitidos e portanto foram indenizados, porque depois de um certo tempo de serviço eles adquirem direitos. Apesar de serem demitidos, serão novamente convidados a ocupar suas cadeiras, mas subordinados agora à nova verba. Cabe a eles decidirem se continuam ou não como professores deste colégio, mas a possibilidade maior é de que continuem.

Em abril, o corte foi na verba municipal.

O Colégio Técnico de Jundiaí nasceu de um convênio entre o Governo Federal, o Governo do Estado e a Prefeitura de Jundiaí.

Quando da sua instalação, coube à União a verba destinada à construção do prédio e aos equipamentos que constituem material de ensino. Tanto nas instalações quanto o material são plenamente satisfatórios e, pode-se até afirmar, superam em muito em média daquilo que o ensino oficial propicia a outros estabelecimentos.

Ao Governo do Estado o convênio reservou a responsabilidade de manutenção do corpo docente e do pessoal administrativo. E foi nessa verba que ocorreu o corte que provocou, desde a algum tempo, reuniões do Con-

selho, reportagens sensacionalistas, falatório em toda a cidade.

Mas essa não foi a única vez em que o Colégio Técnico preocupou a população da cidade. Em abril deste ano, também resultante de corte de verba, os alunos do CTJ chegaram a realizar uma breve manifestação de protesto contra a decisão do prefeito Ibis Cruz e de seu secretário Nassib Cury, pela redução em cerca de 60% da verba para alimentação e transporte, competência da Prefeitura, segundo o convênio que criou o colégio.

A passeata de protesto dos estudantes (foto) de nada adiantou: o prefeito manteve a redução de verba e os alunos ficaram mesmo sem o transporte gratuito e a alimentação mais em conta.



No dia 5 de abril, a marcha dos alunos.

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Rangel Pestana — Térrea, sala em “L”, lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios, com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência de empregada. Cr\$ 1.300.000,00. Oferta Central de Imóveis.

Anhagabaú — Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suíte, garagem.

copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. Oferta Central de Imóveis.

J. Messina — Fina residência, sala L, 3 dormitórios com armários, uma suíte, garagem, copa-cozinha, banheiro, dependência para empregada, fino acabamento. Oferta: Ribeiro

Vila Arens — Térrea, 3 dormitórios, sala de jantar, living, copa-cozinha, 3 banhei-

ros, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. Oferta: Ribeiro Parque do Colégio — Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suíte e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. Oferta Central de Imóveis

Rua Pirapora — Casa térrea, cozinha e banheiro. Ótima localização. Preço: Cr\$..... 250.000,00 à vista. Ver e tratar à rua Pirapora, 214, (ao lado do Anchieta) na parte da manhã.

SÍTIOS E CHÁCARAS

Medeiros — chácara maravilhosa, com 44.000 m2, totalmente plana, 2 casas sede novas, casa boa para caseiro, salão de festas, pomar, a 500 metros do asfalto. Ocasão. Oferta: Ribeiro.

Caxambú — Linda chácara, com 1 alqueire formada, casa sede nova, casa de caseiro, correio, bosque natural, pomar, etc... Oferta: Ribeiro

Corrupira — excelente chácara, 1 alqueire, excelente casa nova, casa de caseiro, 10.000 m2 de gramado, 2 lagos, córrego, pomar a 200 metros do asfalto. Oferta: Ribeiro.

Nova Era — chácara maravilhosa, 2,5 alqueires, excelente vivenda, sala ambientes, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro, 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) Oferta Central de Imóveis

Malota — magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivenda estilo “clássico”, três dormitórios, 1 suíte vestíbulo duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$...

1.800.000,00 (977). Oferta Central de Imóveis.

ÁREAS E TERRENOS

Rio Acima — Duas com áreas de 40.000 e 84.000

m2. A primeira só com mata e água corrente, a segunda com mata, 2 correios, casa simples, pomar e uvas. Lugar recreativo e pitoresco. Distância de Jundiaí 4 km. Ocasão. Oferta: Ribeiro.

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

RIBEIRO IMÓVEIS

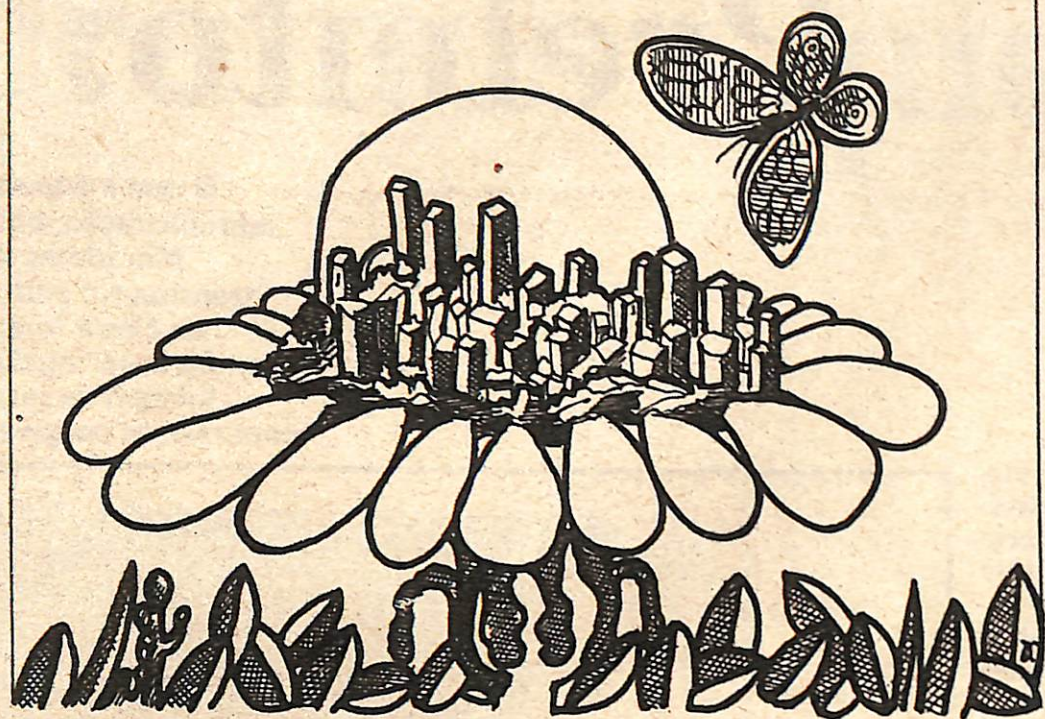
administração e vendas

rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 6-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão de Jundiaí, 1080
Fone 434-3311



Conservápolis

Conservápolis era a cidade das ruas de cristal, onde nas fontes jorrava mel.

Lá as crianças eram de pão-de-ló e os mais velhinhos de algodão doce. Os operários comiam maminha de alcatra no almoço, contra-filé no jantar e no café da manhã bacon com ovos fritos e pão, leite, marmelada, queijo, melão e tudo mais.

Em Conservápolis os maridos não brigavam com as mulheres, e nem as mulheres com as vizinhas, e nem as vizinhas com as outras vizinhas, e nem os cachorros faziam pipi nos postes.

Os políticos de Conservápolis eram todos bons e humanos e honestos e eles eram sempre reeleitos porque sempre faziam bons governos e só quando morriam é que deixavam de politizar.

Na cadeia de Conservápolis havia vasos de gerânios nas janelas de todas as celas, que eram vazias, porque não havia presos. Ninguém era criminoso, e a polícia lá só servia para ajudar as velhinhas a atravessar a rua, ou para orientar os ceguinhos que não tinham guias, ou para ensinar as pessoas onde ficavam tais e tais ruas.

Ah, as ruas de cristal de Conservápolis eram todas forradas de carpete lilás, bem felpudo, e os carros que andavam por elas não soltavam monóxido de carbono, porque um velho sábio Conservatopolitano havia inventado um combustível à base de água com açúcar, e cada litro desse combustível custava apenas 20 centavos, desses de agora.

Nos rios de Conservápolis havia imensos cardumes de tilápias e todas as pessoas podiam pescar os peixinhos, desde que fosse com rede, e que eles fossem devolvidos ao rio um segundo depois de pescados.

Em Conservápolis todas as meninas eram puras até casar, e não havia ébrios nem nas calçadas e nem nos bares, embora a venda de bebida fosse liberada e houvesse nas prateleiras todos os tipos de bebida. Os homens de Conservápolis bebiam muito leite e bebiam também bastante suco de tomate e muitas vitaminas, por isso todos eles eram muito fortes e muito saudáveis.

Os cinemas de Conservápolis eram limpos e asseados e todos eles passavam bons filmes todos os dias, e sempre estavam cheios porque os filmes eram todos educativos, instrutivos, familiares e cheios de exemplos edificantes.

Nas praças públicas de Conservápolis havia grandes jardins, altíssimas palmeiras, verdíssima grama, límpidíssimas fontes. E havia também banquinhos onde as pessoas subiam e diziam tudo o que queriam, a favor ou contra qualquer pessoa; e quem quisesse parar para ouvir parava; e era permitido aplaudir ou vaiar.

Nas escolas de Conservápolis os professores eram todos cultos e inteligentes e muito compreensivos e bondosos para com os alunos; os alunos eram muito aplicados e eles respeitavam muito os professores e admiravam a competência de todos eles, embora às vezes divergissem e trocassem idéias por horas e horas, em diálogos construtivos, serenos e muito cheios de compreensão de parte a parte.

Os patrões de Conservápolis não davam aumentos aos seus operários porque nenhum deles precisava, e por isso a economia era bastante desenvolvida, sempre havia dinheiro para comprar um abajur novo para a praça da cidade, ou para incrementar o cultivo de orquídeas, ou para comprar mais um urso panda para o zoológico, ou uma siriema, ou um lindo tamanduá-bandeira.

As pessoas trabalhavam apenas quatro horas por dia, e nunca trabalhavam aos sábados e nem aos domingos, porque essas quatro horas eram suficientes para produzir tudo que a cidade precisava e para garantir o modesto lucro dos patrões que nunca pensavam em enriquecer, como ninguém na cidade pensava; nas largas horas de folga todos pintavam, liam grossos volumes de grandes autores, bordavam, cultivavam a arte e a ciência e a beleza e até mesmo viçosas hortas, viçosos pomares, e viçosos jardins.

A harmonia de Conservápolis durou por lustros e mais lustros até que de repente ela começou a envelhecer, a ficar encarquilhada, a petrificar-se. Então começou a desmanchar-se como uma torta de marzipan e a transformar-se em milhares e milhares de montículos de areia, que no outono o vento espalhou.

Muitos e muitos anos depois os arqueólogos e antropólogos descobriram que Conservápolis só existiu na imaginação dos habitantes de Conservápolis. Agora, eles procuram descobrir quem eram os habitantes que imaginavam viver numa cidade que nunca existiu.

Sandro Vaia

Percival de Souza

PLANTÃO

Fernão Guedes de Souza, o diretor da Casa de Detenção, comemorou os seus 59 anos de vida, na quarta-feira da semana passada. O "nat" foi comemorado dentro do próprio presídio — atualmente com 6500 detentos.

A feijoada, os discursos, a banda, o conjunto musical dos presos, numa atmosfera envolvente, e ao mesmo tempo de certa tensão, considerando-se os nada menos do que 4 mil excedentes que ali se encontram recolhidos.

Na saída, Georges Kastalsky, o aqui fora temível Pink, maior ladrão de automóveis do Brasil, preocupado com o seus mais de 100 anos de prisão a serem cumpridos; Beicola, imperturbável, concentrando suas atenções no Palmeiras (do presídio)... uma oportunidade para se observar ao redor e ver que tipo de gente faz a composição da grande massa carcerária. E o que se vê, na prática combina com aquilo que se aprende na teoria. Senão, vejamos. Artur Orlando: "a miséria é uma grande geratriz de crimes, sobretudo de crimes contra a propriedade". Bernard Shaw: "em Londres não há cinquenta verdadeiros profissionais do crime, porém há milhões de pobres, de gente objeta, gente suja, mal alimentada, mal vestida. Só os tolos temem o crime. Devemos temer a pobreza". São Tomaz de Aquino: "é impossível praticar a virtude se não se possui um mínimo de bem-estar". Lopes Rey y Arrojo: "uma melhor organização econômica trará, sob certos aspectos, uma evidente diminuição da delinquência".

Isso, de um lado. De outro, curiosamente, gente socialmente bem posta na vida. Vi, neste dia de aniversário do coronel Guedes, uma senhora — lacrimante — visitar o marido, um médico recolhido à Casa de Detenção. O discípulo de Hipócrates, no caso, jogou no lixo tudo o que se pode pensar sobre ética: verdadeiro rei do aborto em São Paulo, responde a vários processos. Mas sua ganância, sua dependência total ao vil metal, colocou este senhor que andava sempre de branco a trocar a indumentária por uma característica dos presos da Casa de Detenção. Porque ele provocou uma situação jurídica sui generis: processado por aborto, e com prisão preventiva decretada, o juiz concedeu-lhe o direito a prisão domiciliar. E durante o gozo desse benefício que ele foi autuado em flagrante. Isto é: o domicílio do médico era ao lado de sua clínica particular, onde chegou a realizar 6 abortos num dia só!

Este é um senhor preso. Existem outros com variados tipos de anéis no anular, indicativo de suas profissões. Porque? Porque, paralelamente a miséria, existe esse curioso fenômeno prático, também sintonizado com a teoria. Vejamos. Roland Grassberger: "mesmo nos anos de prosperidade, ocorre aumento dos

crimes a propriedade. Assim, a miséria não é a única determinante da criminalidade, atuando outros fatores mais significativos. Não somente a necessidade, mas também o bem-estar é causa dos crimes". Oscar C. Blarduni: "o grande problema que deve enfrentar o criminólogo de hoje é explicar por que aumenta a delinquência, quando o nível de prosperidade material e sócio-cultural de um povo melhora".

Aliás, Afrânio Peixoto já ponderava, muito corretamente, que...

—... Seria uma injustiça não incluir entre vagabundos pobres aqueles outros, remediados e ricos, que também preguiçosos e indolentes, vivem por ali, de déu em déu, nas praias de banho, nas estações de altitude, nas cidades de águas, cruzando os mares nos transatlânticos, jogando perdulariamente, ocupados em sorver cocktails, flertarem, adulterarem, prostituírem, jogarem... enfim, em tudo reproduções dos outros só distintos pela graduação que dá a renda... a lei, porém, não cogitada dos vagabundos ricos, pela razão que daí o humorismo: "um vagabundo pobre é um vagabundo, um vagabundo rico é um rico."

II

O secretário da Segurança Pública, coronel Erasmo Dias, já definiu o sucessor do delegado-geral da Secretaria da Segurança, J.H. de Moraes Novaes — que se aposentará em fevereiro de 1977. Apesar de "oferecimentos" sutis ou insinuações discretas como um dinossauro de alguns pretendentes, o coronel Erasmo já deixou claro que o ambicionado cargo será ocupado pelo atual diretor de Polícia do DEOPS, Tácito Pinheiro Machado.

III

Uma reportagem de O Estado de São Paulo, publicada no domingo retrasado, denunciava corrupção — em maior ou menor escala — na área dos drives-in, praga que se alastra na capital, corrupção de policiais, corrupção de proprietários, corrupção de vários níveis desse cancro. Imediatamente, o secretário da Segurança tomou providências: um certo "Rapazola", inspetor da Divisão de Diversões Públicas que se locupletava ilicitamente, tomou 15 dias de suspensão (para início de conversa) e foi removido para o Degran. "Rapazola" responde a uma sindicância que — esta sim — deverá ser realmente rigorosa.

Foi mais uma ação saneadora da imprensa. Já que aqueles que podem detetar com mais facilidade a corrupção se omitem ou se corrompem, a imprensa cumpre o seu papel. É por isso que os corruptos são intransigentes contra a liberdade de imprensa. E vamos continuar a desempenhar o nosso quixotesco papel, embora — por vezes — sintamos aquele desalento próprio de quem pretende preservar os filetes de água pura num cano de esgoto...

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

disque: 436-8648

Sr. Prefeito:

O que a população jundiá
administração, que deverá tor
Moradores da Vila Hele
transitavam pela cidade e re
de classe foram consultad
Sandra Boldrini, Carole Chidia
falaram de suas necessidad
com relação ao governo do nov

Maria Beatriz Andrade diz que já é muito conhecida na Prefeitura por causa das muitas vezes que foi lá para reclamar os problemas de seu bairro (Vila Helena) onde mora há doze anos:

"Nesse meu bairro posso dizer que Fávoro terá tudo para fazer e eu espero que ele dê um jeito. Trocar a rede de esgoto, depois guia, asfalto ou calçamento. Daí poderia se pensar em começar a fazer algo pelo bairro realmente. Água aqui tem até demais, principalmente quando chove, em quinze minutos fica tudo inundado. Isso sem contar também com a quantidade de moscas por causa dos esgotos que não nos dão a mínima condição de higiene para viver. Como é possível cozinhar com um ambiente assim infestado? Cansei de reclamar na Prefeitura. Não seria exagero dizer que o Walmor e Ibis não prestaram para nossa vila. Quero que Fávoro mostre serviço."

José Bernardo Pira é um morador que parece conhecer muito bem os problemas do bairro onde vive há dezesseis anos:

"Quanto a esperar algo do novo prefeito é o que sempre se faz, e continua um entra e sai naquela Prefeitura e ninguém faz nada por nós.

Sentimos cheiro de esgoto dia e noite na vila inteira. É insuportável. Parece que não existe em Jundiá uma fiscalização da higiene. Não pense que é falta de reclamação aos órgãos competentes, isso já foi feito tanto que duvidamos dessa competência. Não sei o que esperar do novo prefeito porque não conheço as idéias dele. Quanto aos problemas dos impostos, acho que com as dívidas que a cidade fez, não haverá uma forma de abaixá-los; e se aumentarem será uma decorrência natural. Se Fávoro quiser fazer algo por Jundiá, que faça no começo. No fim do mandato, só para ganhar simpatia, não interessa."

José Ritto mora na rua Marrocos da Vila Helena e diz que votou em Pedro Fávoro para a Prefeitura de Jundiá.

"Acho extraordinário o que o Ibis fez em Jundiá e para mim Fávoro terá que continuar com a administração dele. Jundiá realmente não pode parar. Conheço Fávoro, é um velho amigo, e es-

pero tudo da parte dele. Ontem tivemos uma missa de ação de graças pela vitória nas eleições desse ano. Num plano geral da cidade, acho que se deve conservar o que já está feito. Essa vila em que moro, sofre muito com esgoto mas acho que se Fávoro tomar as providências necessárias o problema será facilmente sanado."

Adauto Candido Diniz tem trinta e dois anos de idade e é dono de um bar na Vila Helena onde mora há um ano. Tem esperanças para a nova administração da cidade:

"Só espero o melhor de Pedro Fávoro porque essa foi a promessa feita em sua candidatura. O problema principal de nosso bairro dentro os inúmeros que possui é o calçamento. Nós estamos perto do centro da cidade, o que é uma grande vantagem. Precisariamos também de um retorno que desse para pegar a avenida. Os ônibus que aqui transitam, tiveram que modificar seu percurso por causa disso. Num aspecto mais geral dos problemas da cidade, se Fávoro continuar o que Ibis fez, já está muito bom. Mesmo com o problema dos impostos que aumentou. Eu pago, mas também não sou o único. Acho que o Ibis deveria terminar as obras para as saídas que dão na Anhanguera, embora eu saiba que é muito difícil"

Antônio Valério, 56 anos é outro morador da Vila Helena que parece simpatizar com Pedro Fávoro. Mora lá há vinte anos:

"Acho que Pedro Fávoro será um bom prefeito. Nos vinte anos que moro em Jundiá ainda não tive o prazer de ver um prefeito que fizesse algo pelo bairro em que moro. Nem mesmo Fávoro, quando foi prefeito, nada fez por nós, quem sabe agora..."

Mas pior do que está não vai ficar. A primeira providência urgente que deve ser tomada é quanto ao calçamento das ruas. E, lógico, o esgoto. Nasce até capim por cima das guias aqui. Engraçado, o governo faz campanha para economizar gasolina. Aqui é diferente: temos que andar quase um quilômetro para ter um retorno, porque as ruas não têm saída."

Antonio Santinato é proprietário do atual posto Senador e disse que acredita muito na administração de Pedro Fávoro:

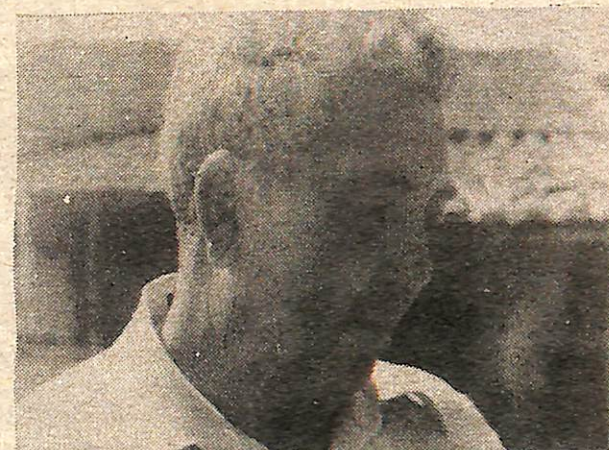
"Eu espero que ele continue com as mesmas obras que o atual prefeito Ibis Cruz começou. Acho que ele vai cuidar muito bem de todos os bairros e dar cobertura a tudo o que for preciso. O imposto para mim está bom, se continuar assim, não tenho do que me queixar e mesmo que suba um pouco, eu acho que é preciso manter os aumentos, porque a cidade não pode parar; ela precisa crescer e para isso é necessária a ajuda do povo. Eu espero que ele dê continuidade a tudo o que vem sendo feito, porque ao povo o que importa é ele ser beneficiado, o imposto não figura como principal problema"

Geraldo Gervino Silveira é médico e militante em Jundiá há 23 anos. Para ele, Pedro Fávoro será muito bem assessorado, em sua administração, que deverá ser de grande utilidade para Jundiá.

"O professor Pedro Fávoro é um homem inteligente, já administrou a Prefeitura uma vez, e é consciente de seus deveres de administrador e de bom político. No Jardim Ana Maria, onde moro, está faltando esgoto, mas acredito que esse problema deverá ser sanado, pois aquele bairro cresce com a cidade, a cada dia. Espero que ele permita a construção de clubes esportivos, parques de recreação, locais de reunião da mocidade, bares e lanchonetes e que mantenha as escolas superiores em atividade progressiva, como a Faculdade de Medicina"

Rosângela Regina Chinaqui é estudante e espera que as melhorias na cidade sejam introduzidas pela administração eleita, em quem confia muito:

"Eu queria que as ruas fossem melhoradas, porque elas estão todas esburacadas, um asfalto ia bem, pois esse negócio de asfaltar um pedacinho aqui, outro ali, não dá. Ou asfalta tudo ou não asfalta nada. Um grande problema também são os telefones, que estão sempre trazendo problemas, e com qualquer



Ritto: Fávoro tem que continuar as obras de Ibis.



Traldi: é preciso contentar a maioria.



Milton: a vida noturna precisa melhorar 100%.



Igar: adequação dos planos às condições atuais.



Adauto: entre muitos problemas, o calçamento.



Ararê: definição correta de prioridades.

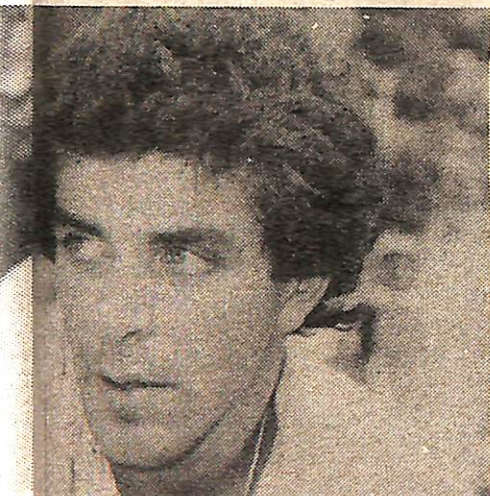
esperamos que...

espera da nova
mar em fevereiro?
lares que
antes de órgãos
repórteres
Cassins. Todos
seus anseios
ito, Pedro Fávoro.

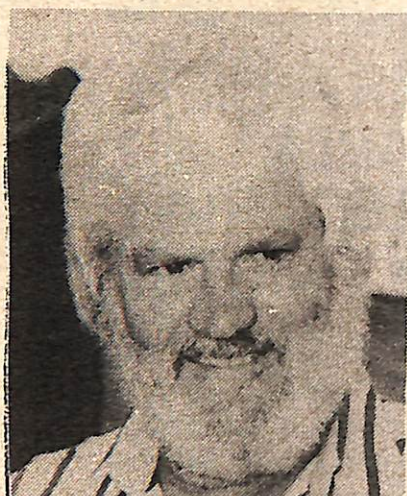


Maria Beatriz: quando chove, inunda tudo.

zile precisa
planejamento



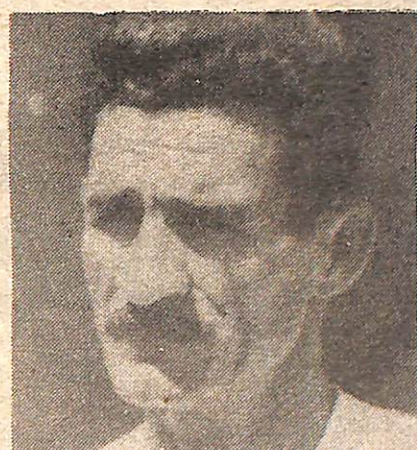
io: lanchonetes
idades.



Santinato: continuação das obras que Ibis começou.



ela: é preciso
mais escolas.



José Bernardo: insuportável mau cheiro de esgoto.



Gervino: construção de clubes, lanchonetes...

chuva eles param de funcionar. É preciso melhorar a vida noturna, porque só existem os clubes para se frequentar. Acho necessária a construção de mais escolas. Lá onde moro, na Avenida Romeu Peliciari, só tem um colégio e de 1.º grau ainda; aqueles que cursam o colegial precisam vir para o Divino Salvador, porque não existe outro mais perto."

Milton Tomate Cayres, 18 anos, espera que Pedro Fávoro construa muitas coisas, mas construa com o povo:

"Acho que deveriam continuar as obras já iniciadas, mas livrando a cidade dos altos impostos. Ele deveria recolher mais verbas para o tratamento do saneamento básico e cumprir as promessas feitas durante a sua campanha. Eu queria que ele melhorasse, se possível, 100% a vida noturna da cidade, e que construísse, ou melhor, fornecesse alvará para a abertura de casas noturnas, porque a vida noturna aqui praticamente não existe. Se você quiser se divertir um pouco nos fins de semana é preciso ir para cidades vizinhas, às vezes menores que a nossa."

José Antonio Campanaro acha que a administração de Pedro Fávoro pode ser ótima, mas existem os problemas financeiros deixados pelo atual prefeito, portanto não se pode esperar muita coisa:

"Assim mesmo eu gostaria que ele trouxesse mais facilidades para Jundiaí, que melhorasse o saneamento básico, fizesse o possível na parte de água e esgoto. Um pedido de todos os jovens é para que ele melhore a vida noturna da cidade, sendo o primeiro passo a abertura do Snack e a criação de mais lanchonetes desse tipo. Eu espero também a criação de lugares de cultura como biblioteca, cinemas melhores e coisas desse tipo. Só que tudo isso depende muito da colaboração do povo, porque não adianta falar apenas e não ajudar em nada."

Ararê Martinho, conselheiro da FIESP, acha que, do ponto de vista de um industrial, deveria se exigir da nova administração pelo menos três coisas básicas:

"Em primeiro lugar, uma definição correta de prioridades. Em segundo, uma eficiência técnica na execução

dessas prioridades e em terceiro, um cuidado total no gasto do dinheiro público.

"Para se poder começar a trabalhar dessa maneira, a próxima Prefeitura e Câmara têm, antes de mais nada, que devolver a dignidade ao poder público Municipal (Executivo e Legislativo)".

Igar Fehr, presidente do Núcleo de Arquitetos de Jundiaí, tem esperanças de que a nova administração tenha um plano que venha a atender as necessidades do povo:

"Uma das tônicas da propaganda da campanha eleitoral de Pedro Fávoro, como a de outros candidatos, era a de que Jundiaí não pararia. Acho que Fávoro, durante esses 8 anos, não deixou de se informar sobre os problemas da cidade, pois permaneceu como funcionário da Prefeitura. Ele deverá adequar seu programa, às atuais condições. Tenho fé em sua administração."

Walter Corrazari, presidente da Associação Comercial, coloca a entidade às ordens do futuro prefeito:

"Desejamos que Fávoro cumpra o planejamento de sua plataforma eleitoral e consiga harmonizar as forças mais representativas de Jundiaí, no sentido de prestarem sua colaboração desinteressada à comunidade. Desejamos que Jundiaí mantenha acelerado seu ritmo, em especial as obras de estrutura básica para, a médio prazo, distribuir aos moradores da periferia, a participação do progresso. Sabe-se que as obras carentes só serão executadas com receitas adequadas, mas esperamos que a capacidade administrativa, aliada ao bom senso, equacionem o problema, sem que o povo seja onerado com majoração de tributos, além de sua capacidade contributiva. Se o município possuir obras de infra-estrutura, capazes de suportar um aumento populacional, poderá criar atrativos para o desenvolvimento de seu parque fabril e para a instalação de indústrias alienígenas, que com seu faturamento, aumentarão o PIB municipal, propiciando maior arrecadação de tributos, que farão face ao endividamento do município e ainda, dotação de maiores possibilidades de investimentos os futuros orçamentos".

Adolpho Traldi, presidente da Associação dos Engenheiros de Jundiaí, declarou que Pedro Fávoro foi exatamente o prefeito que mais prestigiou a Associação:

"Naquela ocasião, além de consultas sobre a execução de obras na cidade, a Associação se preocupou com concursos para provimento de vagas, quer na diretoria de obras, quer no provimento do pessoal lotado na nova estação de tratamento de águas do DAE. É interessante esclarecer, que os trabalhos não custaram nada aos cofres públicos e foram alvo de elogios, especialmente no que concerne à organização e à lisura.

O prefeito eleito sempre demonstrou, pelo menos no que concerne à engenharia, uma disposição de delegar poderes para quem de direito, porquanto, em ramos especializados, justo era não interferir, no sentido de não atrapalhar. Fávoro demonstrou na sua gestão passada, capacidade de aproveitar elementos da cidade para trabalhar em proveito da comunidade obtendo com isso, resultado eficiente a baixo custo. Além do mais, contentando a maioria e evitando polêmicas quanto à sua gestão".

Hilário Caniato, presidente da Associação Agrícola de Jundiaí, espera da nova administração o essencial para a zona do Traviú e Rio Abaixo:

"Em primeiro lugar, o término do asfaltamento dessa zona, que facilitará o escoamento dos produtos da região. Por ter a maior produção hortigranjeira e sendo um gênero perecível, requer um transporte rápido. Além disso, para a fixação da população rural, seria necessário concluir um programa formulado pelo Estado, (que tem suas obras paradas) no que diz respeito à construção de um centro de lazer. Nesse centro seriam mantidas atividades esportivas, lições de artesanato e haveria uma capela ecumênica. A população da zona é bastante densa e necessita de maiores cuidados, tanto na educação quanto na saúde. Estamos tendo um atendimento médico muito precário e este deveria ser o mais completo possível".

VESTIBULAR

Faculdades "PADRE ANCHIETA" de Jundiá

fone, 434-1763

ECONOMIA - ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - CIÊNCIAS CONTÁBEIS - LETRAS: português / inglês (licenciatura plena)
CIÊNCIAS - DIREITO - PEDAGOGIA: administração escolar 1.º 2.º graus e magistério

EXAMES: 24 A 27 DE JANEIRO/77

TODOS CURSOS RECONHECIDOS

INSCRIÇÕES: ABERTAS



ZONA FRANCA

MUITO PELO CONTRÁRIO

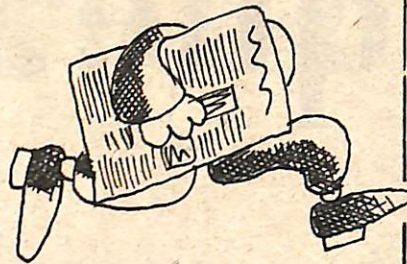
"Sinceramente, pensava que os senhores..." Edson Galliatti

Pensava mesmo, é? Engano seu. Oi nós aqui tra veziz

"Foi com surpresa que li a edição desta semana, em que os senhores publicam inclusive as fotos e biografias de todos os vereadores eleitos. Quando eu pensava que esse jornaleco aí iria parar, os senhores mostram mais vontade de divulgar as coisas da cidade. Contém com meus dois cruzeirinhos, todas as semanas". Silvio Flores

Esse negócio de parar ou continuar não saiu daqui não, Silvio. Aqui ninguém falou em parar, para tristeza da turma da numerada (por enquanto) coberta.

"Confesso que não era leitor assíduo desse jornal, que conheci através de um amigo. Mas agora não consigo ficar sem ler nenhum exemplar. Por isso, gostaria de saber como fazer para assiná-lo". Ariovaldo Quintana



Fácil: preste mais atenção ao ler o J2a. Ai você encontrará um cupom com todas as instruções para quem quiser ser nosso assinante. E obrigado pelo interesse, Ari. É um incentivo para nós.

"Gosto de ler as seções desse jornal, com exceção do noticiário político. Se o jornal vai continuar, peço que deem mais espaço a outros assuntos, porque política, na minha opinião, não chega a interessar a muitos leitores". Maria Aparecida

Aos poucos, a gente vai sabendo qual a opinião da maioria, cara leitora. Respeitamos sua opinião, mas, como a senhora pode ver, o Jornal de 2a. Feira não contém só assuntos políticos. Deve ser uma intriga da turma da numerada coberta.

SUGESTÕES

"Agora que a poeira eleitoral assentou, gostaria de dar algumas sugestões, se é que os senhores vão continuar publicando o Jornal de 2a. Primeiro, mais atenção ao nosso esporte, que anda mal das pernas mas anda. Acho, inclusive, que não só os senhores como também e principalmente — os outros jornais daqui devem dar mais destaque ao esporte, ao nosso futebol profissional — bem ou mal, temos um clube representando a cidade no Campeonato Paulista da Divisão Especial. Mais destaque, também, ao chamado futebol menor, especialmente o varzeano, que é de onde saem os grandes craques.

Segundo, mais atenção ao setor estudantil, quem

E O NICODEMUS?

"Que fim levou aquele tal de Nicodemus Pessoa, que escrevia a coluna "Humor & Sério"? Parou ou vai continuar?" Belmiro Guimarães Parou.

sabe com a publicação de informações úteis e testes a quem vai prestar o vestibular, endereços das faculdades, preços de cursos, etc. Terceiro, um pouco mais de ousadia na página "Gente Fina", que poderia ter mais notícias do mundo social, sempre numa linguagem irreverente, ou quase isso. E fotos também, é claro.

Pelo menos eu, como morador de cidade do interior, gosto muito de ver as fotos dos conhecidos em jornais. Por enquanto é só, mas se precisarem de minha colaboração, voltarei a escrever. Atenciosamente. J.W.L.

Certo, se a gente precisar, o senhor será chamado.

OS PUFIS DO RAIMUNDO



"Outro dia, li os pufis que um leitor mandou e vocês publicaram, e ganhei coragem para fazer alguns. Se não aproveitarem, paciência. Se aproveitarem, ficarei satisfeito". Raimundo Matos de Abreu

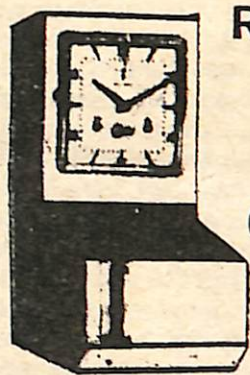
Paciência, Raimundo.



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72



RELOGIOS DE PONTO
ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA
LTDA

BARAO-427 FONE-6-8231

Textos
Desenhos
Anúncios
Logotipos
Folhetos
Cartazes
Comunicação Visual

Rua Dos Bandeirantes, 633
Fone 6-8066 Jundiá

DECIO DENARDI

ASSINE O JORNAL DE 2ª

Basta preencher os dados abaixo e enviar para a Rua Senador Fonseca, 1044 - Jundiá

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado:

☐ Anual.....Cr\$ 120,00

☐ Semestral.....Cr\$ 70,00

Anexe um cheque nominal a favor da Editora Japi Ltda.

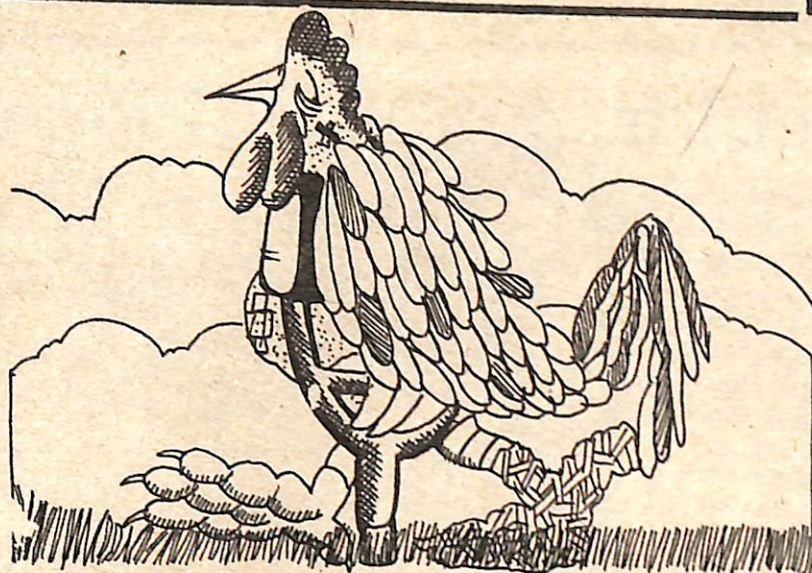
ANTENAS E TORRES

Instalamos antenas e Amplimatic para:

- TV branco e preto.
- TV em cores.

Vendemos e colocamos, torres. Trocamos arames cabos e fios.

Av. Alvares de Azevedo, 403 - Fone: 436-2832.
Irineu Romanatto F. - técnico.



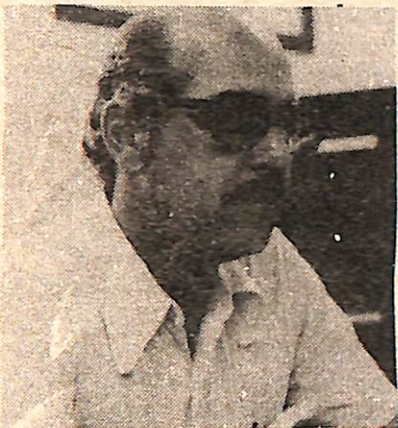
Paulista, o que será de ti?

“Como a gente poderia deixar separar a alma do corpo do Paulista FC?” — assim o advogado José Roberto Basile Bonito (também é o vice-presidente do Conselho) definiu a posição da diretoria com relação ao contrato que deveria ter sido firmado com a Administração de Clubes. Com isso, o velho tricolor terá de tentar resolver seus próprios problemas, exatamente como antigamente.

Segundo o advogado, há cerca de dois meses a A.C. apresentou o contrato que foi estudado pela diretoria do Paulista, que pediu várias emendas. Era preciso esclarecer a situação dos sócios antigos, já que não estava expresso no documento se eles teriam os mesmos direitos dos admitidos pela firma, e o percentual dado ao clube não era interessante. As negociações prosseguiram, como

conta José Roberto, que cuidou de tudo como profissional:

— Há cerca de 40 dias, falando com Sadi Caetano, da A.C. vimos que ele abriu perspectivas para nossas ponderações. Uns 15 dias depois, o Vanderlei Pires veio com a minuta do contrato, com alterações já feitas. Surgiram



O advogado José Roberto

alguns problemas e vimos que os sócios, em assembléia, teriam que decidir. Mas, como explicar que o clube seria dividido em duas partes: uma social e outra só de futebol? O presidente do Paulista mandaria apenas no setor de futebol, a parte social seria da A.C.

Esclarecendo que não tem nada contra a A.C., José Roberto disse que a firma

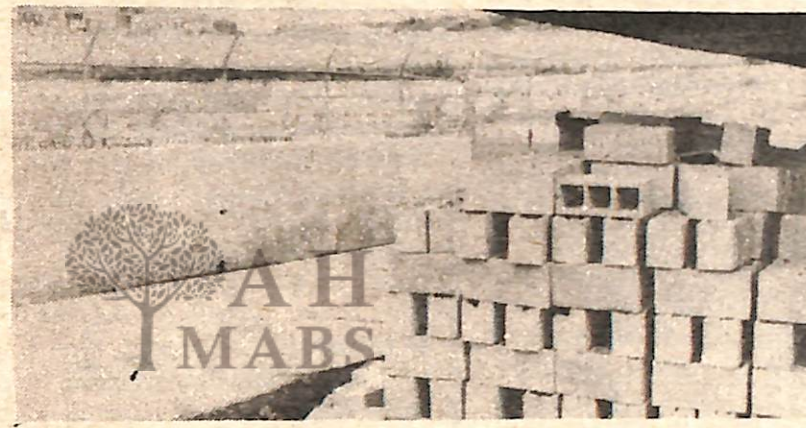
teria carta branca da diretoria para a exploração de bares, bailes e outras recreações. Em troca, organizaria a venda de títulos que cobririam as despesas que teriam com a construção de quadra, restaurante e duas piscinas. Mas, a diretoria do Paulista não viu grandes vantagens.

— Havia impecilhos legais — conta José Roberto — como o fato do Paulista es-

tar em débito com o INPS, fato que impede o registro de novos estatutos que iriam legalizar a venda de títulos. Por outro lado, se a venda acontecesse, o clube iria perder os privilégios de ser considerado de utilidade pública. Isso significa que não poderia receber toda e qualquer doação ou subvenção por parte da Prefeitura.

Já descartada a possibilidade de um contrato com a A.C., José Roberto fala dos planos da diretoria:

— A Prefeitura doou um terreno e lá vai ser construído o conjunto natatório. Haverá uma campanha para admitir novos sócios. O presidente do Conselho Deliberativo vai convocar uma reunião para resolver tudo. Quanto às várias reformas em seu contrato que a A.C. fez no estádio, o Paulista vai ter que assumir.



O clube vai pagar as obras

NOVOS PLANOS

O Campeonato Paulista começará no primeiro domingo de fevereiro e até lá o Paulista pretende contratar um novo técnico, pois Pedro Beagim faz parte da diretoria e apenas tem auxiliado como treinador. Já estão em vista Cilinho, Roberto Belangero e Adésio de Almeida. A contratação ou dispensa de elementos (como os que estão

emprestados e deverão retornar dia 30 de dezembro), dependerão do novo técnico.

Entre funcionários da secretaria, do campo, e com o plantel atual, o montante da folha de pagamento do Paulista, fica na ordem de 50 mil cruzeiros. Dependendo da atuação da equipe no Cam-

peonato, é que será decidido quanto o Clube irá investir em 78.

“Em 77, não precisamos formar um super-time, basta apenas manter uma posição privilegiada até 10.º colocado. Em 78, quando vigorar a lei do descenso, é que precisaremos reforçar o time”, declarou o presidente em exercício, Décio D'Angieri.

Um torneio de xadrez no Gabinete

O Gabinete de Leitura Ruy Barbosa está convidando seus sócios e dependentes para o Campeonato Interno de Xadrez a ser iniciado no dia 6 de dezembro. As inscrições terminam nesta semana — dia 29 — e o regulamento é o seguinte:

1) Participação de sócios e seus dependentes; 2) os participantes serão divididos em turmas de dois grupos; A e B; 3) o sorteio das partidas será feito por uma comissão designada; 4) os finalistas dos respectivos grupos

disputarão o título em três partidas, sendo considerado campeão quem conseguir mais pontos; 5) os valores dos pontos: 1, partida ganha; meio, partida empatada; zero, partida perdida; 6) quando uma partida estiver equilibrada poderá ser proposto o empate, desde que o adversário concorde; 7) perderá os pontos o participante que deixar de comparecer nos dias programados, a não ser por motivo justo, apresentado com antecedência à comissão; a partida poderá ser anteci-

pada ou adiada; 8) todas as partidas programadas terão início às 21h30, podendo ser prorrogadas para o dia em que a comissão designar. Neste caso, o enxadrista que estiver para dar o lance fará secretamente, depositando a marcação em um envelope e entregando-o ao respectivo juiz, previamente escalado pela comissão, devendo ser reaberto no dia em que a partida for recomeçada; 9) o campeão e o vice receberão troféus, dados pelo Gabinete da Leitura Ruy Barbosa.

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n — J. Messina
Fone: 4-1666



Dráculas, sutiãs, idiotices, e a muito doce dona Flor.

Quem ainda não viu "Dona Flor e seus Dois Maridos", que está sendo exibido no Marabá desde a semana passada (e continua nesta), não pode perder um dos melhores filmes nacionais produzidos neste ano. Afinal de contas, as seis pratas (se for estudante) ou os 12 cruzeiros (inteira) não são muito para quem gosta de uma boa fita.

Quem começou a ler esta seção, já percebeu que nós gostamos do filme. Calma, vamos explicar o porquê:

"Dona Flor e seus Dois Maridos" foi extraído do romance homônimo de Jorge Amado. Quem já leu o livro, vai poder ver o que o baiano quis dizer, quem ainda não leu, terá a oportunidade de conhecer a história sem precisar ler, o que não deixa de ser uma pena.

Bem, como a gente ia dizendo, dona Flor (Sônia Braga) — a explicação é necessária para o pessoal da geral, é Florípedes, uma guapa rapariga dos rincões da boa terra. Ela foge de sua casa para ser a esposa de Waldomiro (José Wilker), ou melhor, Vadinho, um sujeito viciado em jogo, "xixicas pra passar o tempo" e ótimo na cama e assessorios.

O safardana morre sambando numa madrugada de carnaval, depois de sete anos de briga, por causa de seus vícios, e de amor, por causa de suas qualidades. A jovem viúva acaba se casando no-

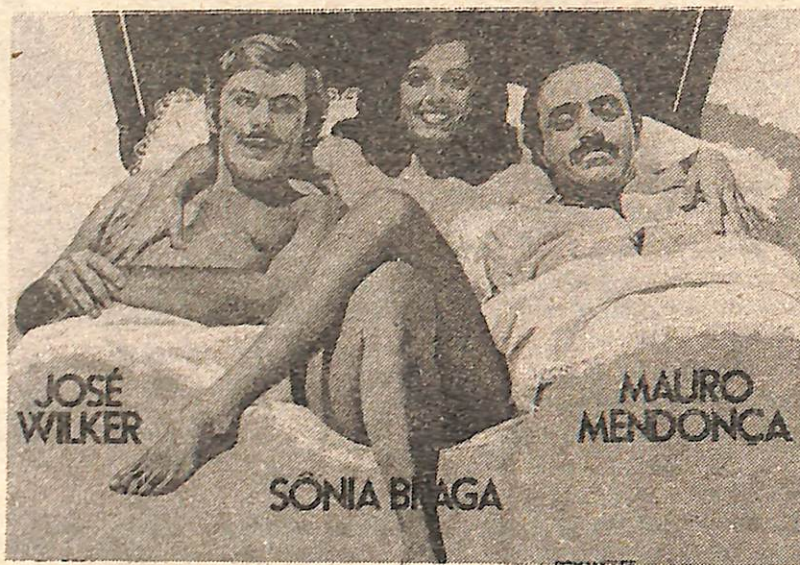
vamente com o dr. Teodoro (Mauro Mendonça), um panaca de uma farmacêutico cheio de regras e bons gostos. Daí, Vadinho volta, vestido como nasceu, para provocar a antiga esposa.

Para aqueles que esperam uma pornochanchada tão em voga nestes dias, aguarda uma grande frustração. O filme, nas cenas mais agradáveis, tem muito bom gosto. A música, de Chico Buarque, é excelente, e o desempenho dos atores, ótimo. Resultado: um filme bom mostrando, sobretudo, que nem sempre aquele que dá segurança é a melhor companhia "pra fazer vadiagem", como diria Vadinho, Flor no final dá um jeitinho bem brasileiro pra situação. Ah!, ia esquecendo a cena que a Censura (vale o registro porque a tal está bem atuante) cortou é aquela em que dona Flor está ensinando culinária e Vadinho começa a bolinar uma das alunas. Então, apareceu uma tesoura e fez desaparecer a cena em que o safado confere de maneira não ortodoxa... (Kazuo).

OS OUTROS

Por incrível que pareça, Dona Flor é o único filme assistível da semana. Tem também o curioso "Drácula de Andy Warhol"; e o que é mais espantoso: vai ser exibido no há anos infrequêntável cine Ipiranga.

Mas vamos por partes:



Dona Flor e seus Dois Maridos: um filme assistível.

Um soutien para papai (Ipiranga, dias 28 a 30) — Pornochanchada vulgar do cinema brasileiro, que conta a história de um sujeito que é sócio de uma fábrica de sutiãs, e paquera modelos que aparecem para trabalhar lá. Jorge Dória é um ator de talento, José Lewgoy também, e naturalmente estão nesse filme porque ator bom também precisa de dinheiro para viver. As mulheres são Iris Bruzzi e Renata Fronzi. O diretor é um tal de Carlos Alberto de Souza Barros, o que não quer dizer absolutamente nada.

O Incorrigível (Ipiranga, dias 1 e 2). — Filme francês onde Jean-Paul Belmondo é um vigarista que sai da prisão para planejar novos golpes. O diretor é Philippe de Broca, bastante competente nesse ti-

po de comédia ágil. O filme não é tão ruim, e serve para passar o tempo. A grande mulher é a canadense Geneviève Bujold, secundada pela veterana Capucine.

Drácula de Andy Warhol (Ipiranga, dias 3 e 4) — Warhol é um excêntrico escritor/pintor/ator/cineasta/etc. norteamericano, mais conhecido pelas suas loucuras do que propriamente por suas obras. Este filme leva o nome dele porque, ao que parece, ele é o dono da idéia. Mas ele não dirige os filmes que inventa. Ele tem um preposto, um tal de Paul Morsey, que dirige os filmes para ele. O filme conta a história de um Drácula que precisa se alimentar do sangue de mulheres virgens para poder sobreviver. E ele faz uma viagem a Itália para procurá-las. Ima-

gine-se a dificuldade! Como se não bastasse a curiosa extravagância do filme, que naturalmente é uma comédia, há extravagâncias também no elenco, onde aparece Roman Polansky, o viúvo de Sharon Tate, aquele que dirigiu o "Bebê de Rosemary" e o competentíssimo "Faca na Água". Aparece também o simpático Vittorio de Sica. O filme, no mínimo, é uma curiosidade que merece ser vista.

Helena, a Insaciável (Ipiranga dia 5) — O folheto de publicidade informa que o filme tem o certificado de censura n.º 88.789, válido até 22.3.1981, censura 18 anos, tempo de duração 90 minutos, 8 partes e é do gênero "sexo". É uma recriação da história de Helena de Tróia, só que com alguns ingredientes da mais genuína imbecilidade que os estúdios italianos ainda são capazes de criar, como por exemplo, introduzir voluptuosos salões de massagistas na antiga Tróia. O diretor que assina tal barbaridade é um certo sr. Alfonso Brescia, e os atores respondem por nomes tais como Christia Linder, Don Backy, Peter Landers. O que mais causa espanto é que o governo luta contra a importação de supérfluos, e há quem gaste dólares para importar produtos como esse. Em tempo: diz o folheto de publicidade que Helena aparece nua. Cla-so, do contrário para que iam filmar tanta besteira? (S.V.)

artes plásticas

ELVIO: EM VEZ DE CHUPETA, PINCÉIS.

Pela 22a. vez, o pintor Elvio Santiago expõe suas telas, desta vez em individual no Museu Histórico e Cultural de Jundiá — rua Rangel Pestana, 354. Ele continua com seus coloniais espatulados e bem iluminados, não tendo prosseguido com suas boas experiências abstratas de há pouco mais de um ano. Para quem não o conhece, Elvio é professor de Desenho e Educação Artística no Colégio Conde de Parnaíba e São Vicente de Paula. É licenciado em Pedagogia, Educação Artística e Desenho. Suas primeiras experiências com a pintura foram aos 13 anos. Continuou estudando, casou e agora tem três filhos.

Elvio, há quase dois anos, queixava-se da falta de espaço para pintar. Só tinha um canto em seu próprio quarto, o que provocava as constantes reclamações da esposa, por causa do cheiro penetrante das tintas. Agora, num verdadeiro ateliê, o pintor está melhor acomodado, tanto que planeja até fazer uma nova porta para sua casa: "Não sei se será uma tela-porta, ou uma porta-tela". Nesta entrevista concedida a Carole Chidiac, Elvio fala de si e de sua pintura:

Jornal de 2a.: Elvio, como surgiu a vocação para a pintura?

Elvio Santiago: Parece que nasci com um pincel nas mãos. Que eu me lembro, usei-o sempre, no lugar da tradicional chupeta.

J2a.: Experimentou outras técnicas?

E.S.: Fiz esculturas com Caciopré Torres e gravura, com Miriam Chiaverini.

J2a.: E suas exposições?

E.S.: Eu já fiz cinco individuais e está é a terceira em Jundiá. A cidade tem incentivado muito a arte, realizando importantes exposições. Nesses últimos dois anos, houve uma promoção maior e apareceram novas pessoas que fazem um serviço sério, enaltecendo o setor.

J2a.: Houve alguma contribuição em especial?

E.S.: O Museu Histórico



Elvio ainda colonial.

e Cultural está funcionando muito bem, conseguindo inclusive eliminar das pessoas a falsa imagem pelos que acreditavam que o Museu fosse lugar de velharias. Uma pessoa importante nisso tudo é Geraldo Tomanik, um dos responsáveis diretos. Outro grande incentivador é João Carlos Martinelli e Fernando Cury, através da Secretaria de Cultura.

J2a.: Qual é o seu méto-

do de trabalho?

E.S.: Não me considero um artista de vanguarda. Existe algo de surreal em seu trabalho, um confronto entre a necessidade espiritual e a física, o vício e a virtude. Não trabalho com pincel é tudo espatulado. Em meus quadros, estou redescobindo o sol que está apagado entre as bobagens que o homem anda fazendo. Uso cores fortes em meus quadros. Eu as jogo de uma forma bem viva. Não faço segredos da minha técnica. Ela tem várias fases. Primeiro o tratamento de gesso e látex na tela, depois o acrílico. Faço diferente dos outros que comecem pelo contorno. O elemento plástico ideal para mim são as telas. Partindo delas, inicio meu trabalho. Faço um colonial a minha maneira. Trabalho muito com as cores claras e escuras. Não me sinto um acadêmico. Meu jeito é ir explorando. A lâmpada acesa ou apagada é outra coisa muito constante em meus quadros. Gosto muito de pintar sequências.

ABERTO O SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA.

O II Salão de Arte Contemporânea, promovido pela Associação dos Artistas Plásticos de Jundiá, foi aberto no último sábado, no segundo pavilhão do Parque Comendador Carbonari. Diferente dos realizados até agora, seu objetivo maior foi o de reunir a arte que está sendo feita em toda a região.

Segundo o presidente da AAPJ, Carlos Roberto Motta, não se justificaria promover um salão com muitos nomes famosos mas que não representam a obra dos artistas locais. Por isso (e também para servir de documento) é que a proposta da mostra fechou-se praticamente em torno de nomes desconhecidos.

Para completar, o professor Ivo Costa Mesquita, durante duas semanas, ministrou um curso de História da Arte, vinculado ao salão, com o objetivo de preparação para o que iria ser visto. No domingo, dia 5, serão entregues os certificados de participação e o catálogo da exposição.

Jornal do Disco



Chico e Susana, as duas boas novidades deste mês.

Já está nas lojas o novo LP de Chico Buarque, e sem cortes, ao que se anuncia. Um LP surpreendente, a começar por "O Que Será", que tem a participação (no vocal) de Milton Nascimento. Duas músicas do disco já eram conhecidas: "Olhos nos Olhos" e "Basta um Dia", gravadas respectivamente por Maria Bethânia e Clara Nunes. "Mulheres de Atenas", feita em parceria com Augusto Boal, é um tema fortíssimo sobre a condição feminina.

Mas "Meus Caros Amigos" tem outras boas coisas — o que não é novidade, levando-se em conta que se trata de um LP de Chico Buarque. "Você Vai me Seguir", parceria com Rui Guerra; "Vai Trabalhar, Vagabundo"; "Corrente", um ótimo samba — Chico gravou em cima da própria voz, na forma de contra-canto; "Basta um dia".

O melhor do LP, no entanto, são as três músicas feitas em parceria com Francis Hime: "A Nova Cidade", tem na abertura e no final canções de ninar; "Passaredo", tem na letra de Chico um alerta contra a devastação ecológica e na melodia um trabalho descritivo; mas seria mesmo a última música, "Meu Caro Amigo", que na verdade é uma carta de Chico para Augusto Boal, dramaturgo brasileiro exilado há algum tempo, hoje morando em Portugal. Esta é a letra:

"Meu caro amigo/ você

me perdoa, por favor/ se não lhe faço uma visita/ mas como agora apareceu um portador/ mando notícias nesta fita/ aqui na terra estão jogando futebol/ tem muito samba, muito choro e rock and roll/ um dia chove, noutro dia bate sol/ mas o que eu quero dizer é que a coisa aqui está preta/ Há muita mutreta pra levar a situação/ que a gente vai levando por teimosia e por pirraça/ a gente vai tomando que também sem cachaça/ ninguém segura este rojão/ Meu caro amigo/ eu não pretendo provocar/ nem aticar suas saudades/ mas acontece que não posso me furtar/ a lhe contar as novidades/ aqui na terra estão jogando futebol/ tem muito samba, muito choro e rock and roll/ um dia chove, noutro bate sol/ mas o que eu quero dizer é que a coisa aqui está preta/ que é pirueta pra cavar o ganhão/ que a gente vai levando só de birra, só de sarro/ que a gente vai fumando que também sem cigarro/ ninguém segura este rojão/ Meu caro amigo, eu quis lhe telefonar/ mas a tarifa não tem graça/ Meu caro amigo, eu ando aflito pra escrever, pra contar o que se passa/ pra lhe dizer que aqui na terra estão jogando futebol/ tem muito samba, muito choro e rock and roll/ que num dia chove, noutro bate sol/ mas o que eu quero dizer é que a coisa aqui está preta/ muito careta pra engolir a transação/ a gente anda engolin-

do cada sapo no caminho/ e a gente vai amando que também sem um carinho/ ninguém segura este rojão/ Meu caro amigo, eu queria lhe escrever/ mas o correio anda arisco/ se me permite a liberdade que lhe dê/ notícias frescas neste disco/ aqui na terra.../ a coisa aqui está preta/ A Marieta manda um beijo para os seus/ um beijo na família, na Cecília, nas crianças/ o Francis aproveita pra também mandar lembranças/ pra todo o pessoal/ Adeus".

Você já pode encontrar esse LP na Casa Carlos Gomes, na rua Barão.

OUTRAS NOVIDADES

Susana Rinaldi — Continental Ela fez shows, recentemente aqui em São Paulo e no Rio. Neste LP, na mesma linha de "one-woman-show", a artista argentina canta bons tangos, como "El Choclo", "Volvé Ciudad", "Negra Maria", "Los Nareados", "Cuesta Abajo", "Cambalache". "A um Semejante" (título do LP), "Sur", "Milonga Del Casamiento", "Melodia de Arrabal", "Sueño" de Barrilete e "A Cátulo Castillo".

Juicy Fruit — Todas as músicas deste LP são escritas, arranjadas, produzidas e cantadas por Isaac Hayes, e executadas por sua banda, cujo forte são os 15 metais e uma base preenchida por guitarras, teclados e percussão. Música soul da boa.

Jornal do Livro

nagem central, Gunnar Thorkild, descendente de um grande navegante polinésio, resolve provar a existência de uma ilha lendária onde iam morrer os chefes das tribos e os grandes navegantes, fato contestado pelos seus colegas de universidade. Financiado por um milionário, ele parte para a grande aventura, seguindo o rumo dos antigos navegantes, que não utilizavam mapas nem bússolas. Vai dar filme.

Logo, nas livrarias, "A Negação da Morte", o livro que deu a Ernest Becker o Prêmio Pulitzer de 1974. Ele mostra nessa obra, que o homem é o único dos seres vivos que passa a vida inteira com medo da morte (mesmo nos dias mais felizes). E de-

senvolve até as últimas consequências o conceito de que se acha precisamente nesse pavor, inato no homem, a fonte principal de suas atividades e realizações.

O Gabinete já tem à disposição de seus sócios mais estas novidades: "A Vaca Invisível", de Edy Lima, Melhoramentos; "Os Crimes do ABC", de Agatha Christie, Nova Fronteira; "827, Era Galática", de Isaac Asimov, Hemus; "Motorista de Táxi" de Richard Elman, Record; "A Civilização Cósmica", de Carl Sagan, Artenova; "A Honra Perdida de Katharina Blum, de Heinrich Böll, e "A Construção Aeronáutica no Brasil", de Roberto Pereira de Andrade, Brasiliense. Os mais procurados: 1) "Um

Estranho no Ninho", Ken Kesey; 2) "A Mulher Só", de Harold Robbins; 3) "Só o Vento Sabe a Resposta", de Johannes Mario Simmel; 4) "Shampoo", de Robert Aley; 5) "A Escrava Isaura", de Bernardo Guimarães. (O Gabinete funciona de segunda a sexta-feira, das 8 às 11, das 13 às 17 e das 18 às 22 horas, e aos sábados e domingos, das 8 às 11 horas. Endereço. Praça Ruy Barbosa.

A Livraria Anhanguera (rua do Rosário, 421), já tem à venda: "Agonia das Religiões", de Herculano Pires; "Diversidade e Unidade", de P. Coelho, e "Do Princípio do Mundo ao Fim do Câncer", de Caio Toledo. Lá, os mais vendidos na semana passada foram: 1) "Escrava Isaura", de Bernardo Guimarães; 2) "Antologia Poética", de "Inicius de Moraes; 3) "Escuta, Zé Ninguém", de Welch.

VARIEDADES

O J 2.a tem prêmios para os contistas.

Com o objetivo de incentivar o aparecimento de novos valores e de estimular a literatura em nossa cidade, o Jornal de 2a-Feira está criando o I Concurso de Contos de Jundiá. Poderão concorrer todos os interessados, e os contos serão julgados por uma Comissão a ser anunciada oportunamente pelas páginas do Jornal de 2a. O melhor conto será premiado com 3 mil cruzeiros. O segundo colocado com 1.500 cruzeiros, e o terceiro colocado receberá 500 cruzeiros. Prazo de entrega: até 15 de janeiro.

Este é o regulamento do I Concurso de Contos:

1 — o I Concurso de Contos de Jundiá, criado pela Editora Japi, proprietária do Jornal de 2a-Feira, oferecerá 3 mil cruzeiros ao vencedor, 1.500 cruzeiros ao segundo colocado e 500 cruzeiros ao terceiro colocado, de acordo com o julgamento da Comissão a ser designada pela leitura e seleção dos textos;

2 — poderão concorrer ao concurso todos os interessados, sem qualquer limite de idade, e sem qualquer outra distinção;

3 — os trabalhos enviados devem ser inéditos;

4 — os temas serão de escolha absolutamente livre dos concorrentes;

5 — todos os candidatos ao concurso deverão enviar seus trabalhos sob pseudônimo, em cinco vias, ao Jornal de 2a. Feira, rua Senador Fonseca, 1044, Jundiá, CEP 13.200. Em envelope à parte, fechado, deverão ser colocados o nome real, o pseudônimo, o endereço, dez linhas de dados pessoais,

6 — os trabalhos deverão ser datilografados em espaço duplo numa só face do papel, com uma média aproximada de 30 linhas de 70 toques por página;

7 — os trabalhos devem ter as seguintes dimensões: mínimo de 2 páginas datilografadas, máximo de 14;

8 — os três primeiros colocados serão publicados nas páginas do Jornal de 2a.; outros trabalhos, mesmo não premiados, poderão ser publicados, a critério da direção da Editora Japi;

9 — os trabalhos deverão ser entregues até o dia 15 de janeiro de 1977.

PROGRAMA

Restaurante: na Acre (rua Barão de Triunfo, 48), três boas opções: "filet a Acre", composto de ovos, presunto, legumes e acompanhado de arroz; "frango grelhado", com arroz branco; "camarão a La Grega", ou seja, camarão à doré, com arroz a grega e batatas fritas. Para beber uma boa pedida é vinho rosé.

Clube Jundiense: sábado, boate com o "Som Maravilha" e domingo brancadeira dançante com o mesmo conjunto.

Grêmio: dia 4, baile com o conjunto "Aquários" e na brincadeira de domingo, o som fica com "Os Magníficos".

Nacional: "Baile do Charme", com o conjunto "Santa Branca, sábado a partir das 23 horas.

Banda: dia 4, inicia-se o Campeonato Interno de Tênis de Mesa, que será disputado nas categorias juvenil e adulto, com distribuição de medalhas até os terceiros colocados.

Música: no Educandário Nossa Senhora do Desterro (rua Marechal Deodoro da Fonseca, 450), audições de encerramento do ano letivo da Escola de Música para Crianças. sob a direção da professora Josette S.M. Feres: dia 3 às 20 horas, audição de piano e dia 4, às 15 horas, curso de iniciação musical e coral infantil "Abelhinhas do Senhor".

A Editora Nova Fronteira lançou mais um romance de Agatha Christie: "Os Crimes do ABC". Nessa história, o detetive Hercule Poirot encontra um adversário mais atrevido, o assassino deixa junto de suas vítimas um guia ferroviário (???). Um fanático por estradas de ferro? Um imaturo? Um indivíduo caprichosamente adulto no cálculo, na astúcia, na violência sangrenta?

Outra boa novidade: "Leon Tolstói — Obra Completa", da Nova Aguilar. Toda a obra do romancista está reunida em três volumes, em papel bíblia luxuosamente encadernados em capa de couro. É da série "Biblioteca Universal Aguilar".

Morris West também está nas livrarias com uma novidade: depois de "O Advogado do Diabo" e "As Sandálias do Pescador", ele reaparece com "O Navegante". O perso-

"O arenista Pedro Fávoro, prefeito de Jundiaí de 1969 a 1972, foi eleito novamente para o cargo. Mas a grande derrota não foi da oposição e sim do atual prefeito, Ibis Cruz, que apoiava outro candidato da Arena e dizia que o resultado das eleições seria um julgamento a seu governo". (O Estado de S. Paulo, 18/11)

"De mais a mais duvidamos que os resultados arenistas tivessem o sabor que teve, se não fora o preparo, o trabalho, a ação, a presença, a administração, com seus erros e acertos, do sr. Ibis Cruz. A vitória do sr. Pedro Fávoro, de certa forma, é também sua e, com terreno livre em 78, bem pode legitimamente pensar numa cadeira de deputado". (Editorial do Jornal da Cidade de 20/11)

"Os resultados das eleições do dia 15 estão parecendo merenda de internato. Cada menino acha seu pedaço de bolo mais gostoso". (Sebastião Nery, Folha de S. Paulo de 21/11)

"Jundiaí pode olhar o futuro com tranquilidade". (JC, 27/11)

"Apesar de alguns políticos acusarem a Lei Falcão de tê-los derrotado, acho que ela foi igual para todos. Se não é ideal, não prejudica ninguém. O que não entendo é ter realizado uma boa campanha e não ter sido reeleito". (Oswaldo Teixeira Duarte, presidente da Portuguesa de Desportos, candidato derrotado nas eleições da Capital)

"Na Câmara será como na seleção brasileira. Lidarei com o público sempre com carinho e honestidade, como fazia com os jogadores. E espero que os homens do governo me ajudem para que eu desenvolva minha tarefa". (Mário Américo, ex-massagista da Portuguesa de Desportos, eleito vereador na Capital)

"Agora o negócio é colocar o Mário Américo de presidente da Portuguesa e o Teixeira de massagista". (Roberto Silva, locutor esportivo)

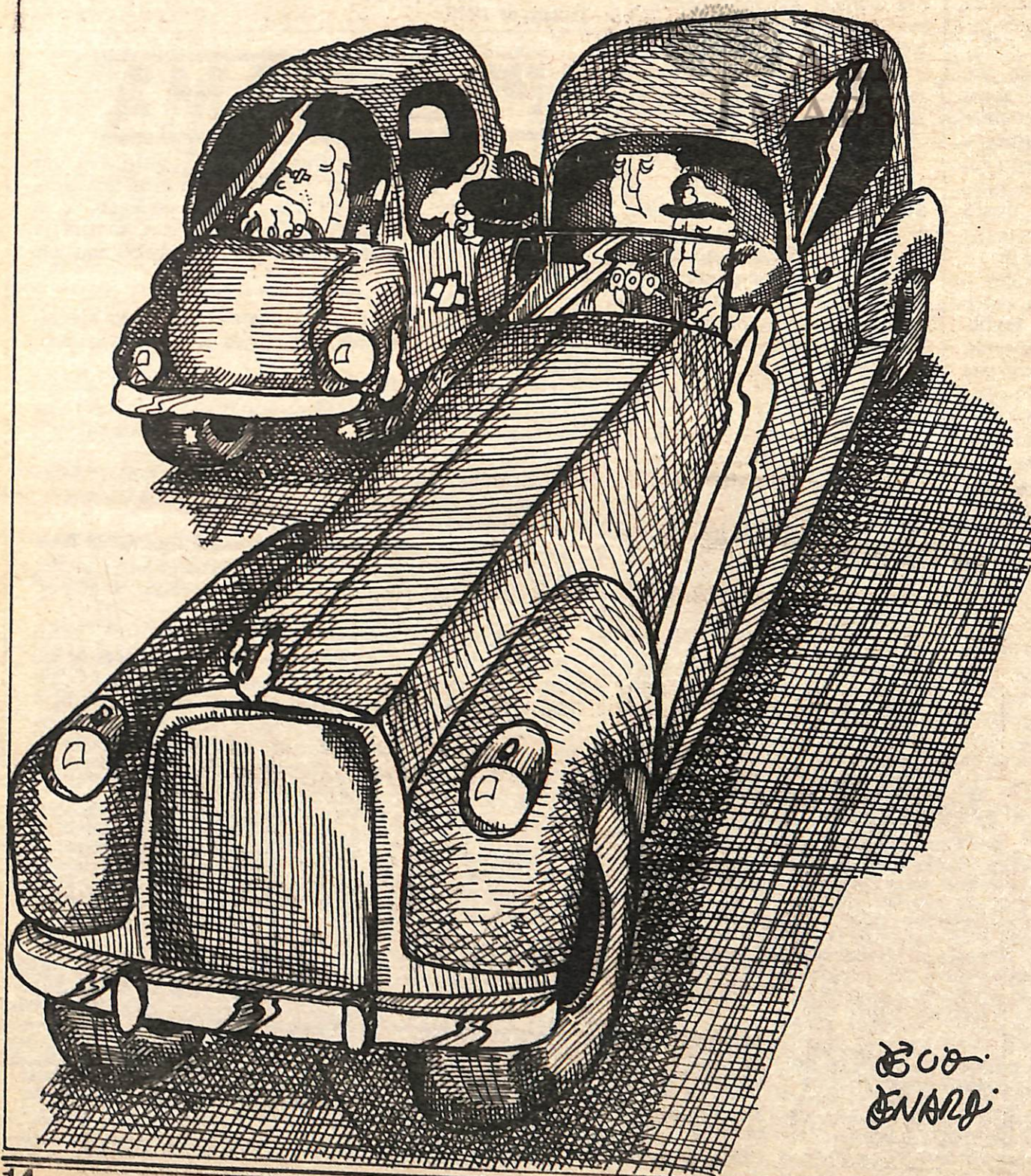
"Vai ter uma hora em que eles vou ter que tocar minhas músicas, seja eu feio, bonito, legal, grosso ou amável. Não vou pedir para ninguém tocar música minha. Eles é que têm obrigação de saber que eu existo". (Fagner, Veja de 17 de novembro)

"Podem observar, entre 10 automóveis que passam pelas ruas, a toda velocidade, 8 são táxis". (Leme do Prado, JJ de 20/11)

"A minha grande vitória foi o resultado positivo do plano estratégico que montei junto com Golbery (ministro Golbery do Couto e Silva, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República), com o objetivo de obrigar o adversário a malbaratar em Campinas toda a sua potencialidade paulista que, segundo prognóstico, elegeria prefeitos em trezentos municípios do Estado. Ao contrário, o MDB fez pouco mais de oitenta municípios. Eu consegui isso com a estratégia, trazendo para Campinas todos os recursos do partido oposicionista e ainda mantive minha luta aqui". (Prefeito Lauro Péricles, de Campinas, que deixou o MDB recentemente e ajudou a Arena na campanha eleitoral)

"O MDB está até ameaçado de ter suas chances consideravelmente diminuídas para as eleições de 1978, por causa do desenfreado adesismo que atinge hoje vários setores do partido e inúmeros elementos emedebistas. A sobrevivência do próprio partido está ameaçado se continuar esse adesismo". (Deputado Freitas Nobre)

INTERVALO



PUFFS

Aparato foi um militar italiano de idéias fascistas.

Reentrância é o vai-e-vem de turistas nas estações hidro-minerais.

Vicissitude é o uso ocasional de drogas.

Lampejo foi um dos cangaceiros mais brilhantes.

Cumbica é um utensílio indígena que tem forma de avião.

Casulo foi o primeiro sertanejo a usar gravata borboleta.

Papelote foi o único efeminado da corte do Rei Arthur.

Clóvis Bevilacqua era abstinência.

Blasfêmia foi uma herege muito desbocada.

São Francisco era carrancudo.

Telêmaco tinha uma péssima noção de distância.

Arafat é um turbante incomodo usado pelos judeus.

Sustentáculo é uma espécie gigantesca de polvo.

Esculápio foi morto pelos índios.

Lambuja foi um apostador nojento.

Fauno é um instrumento de sopro feito de chifre.

Levítico é o nome que se dá aos judeus muito magros.

Castanhola é uma espécie de noz originária da Espanha.

Barbacena foi uma célebre atriz circense.

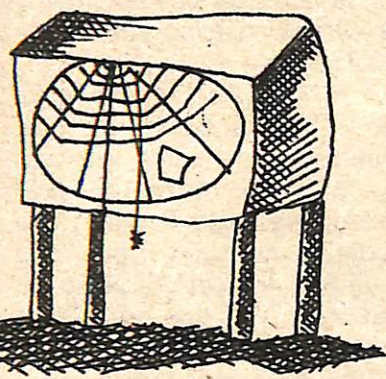
Gólgota foi o melhor ladrão de Moji das Cruzes.

Zarteu



POBRE TEVÊ

A TV Bandeirantes tem a coragem de anunciar, orgulhosamente, nos jornais, que as melhores séries estão no 13. E aí segue-se: segunda, Missão Impossível; segunda, Bronx; sábado, Sweeney, Os Especiais; terça, Cannon; terça, San Francisco Urgente; domingo, Emergência. Todas séries enlatadas, de baixa qualidade, baixo custo, cheias de violência. Televisão também é cultura. (S.V.)

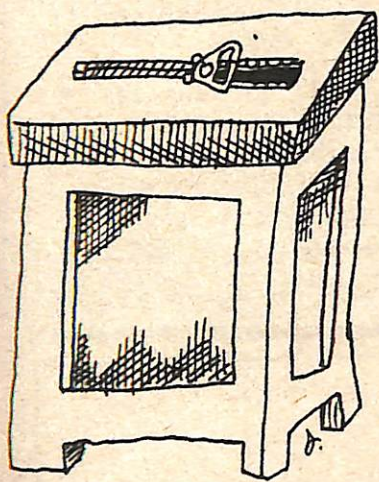


PENA

Lamentei, de coração, o fato do vereador Romeu Zanini não ter sido reeleito.

Autêntico, lúcido, independente, Zanini merecia continuar na Câmara, além de outros méritos, por ter sido um dos poucos vereadores que não se renderam às pressões do Executivo e que votaram sempre contra os projetos absurdos, como os que endividaram o Município em mais de 400 milhões.

A reeleição seria um prêmio justo para o valente Romeu Zanini. Foi uma pena. (E.M.)



PANORAMA VISTO DA PONTE



Lendo a matéria do "Jornal da Cidade" (19/11) intitulada "Candidato do MDB critica pleito de 15 de novembro", eu — feito o poeta sertanejo — não entendi duas coisas: "o avião por subir tão alto e certos homens por descenderem tão baixo". (E.M.)

NÃO DEU

Ao "Aqui São Paulo", ao "Pasquim" e à Rádio Camanducaia, os meus agradecimentos pela colher de chá que deram à minha candidatura.

Como já disse alguém: "fizemos o possível, atacamos durante os noventa minutos, eles descenderam duas vezes e pimba! Mas o campeonato ainda não acabou". (E.M.)

OBA! OBA!

Os cariocas, coitados, estão se roendo de inveja dos jundiaenses. Deu na coluna de Zózimo, no "Jornal do Brasil": "a platéia ca rioca não deverá assistir ao lançamento no Rio de Dona Flor e seus Dois Maridos antes do ano que vem". É o progresso explodindo de minuto a minuto. (S.V.)

Advocacia

dr:Ademercio Lourenção

dr:Alcimar A.de Almeida

dr:Francisco V. Rossi

R:SIQUEIRA DE MORAIS
N:578 TANDAR
EDIFICIO MARIJU

VOTOS ACENANDO

O Jornal da Cidade de 20/11 diz em editorial que o atual prefeito pode, "legitimamente", pensar numa cadeira de deputado", nas próximas eleições parlamentares, e que lhe acenam com essa "perspectiva" 61 mil votos refere-se, é claro, aos votos recebidos pela Arena nas eleições de 15 de novembro passado.

O amigo aí, que votou no sr. Pedro Fávoro ou no sr. Rubens de Luca, foi consultado a respeito?

AGUARDEM!

No próximo número do "Jornal de 2a." estaremos publicando um artigo de "O Pensador", fazendo sua despedida (definitiva ou provisória?) como colaborador deste vibrante semanário.

Vale a pena esperar. (E.M.)

RUIM DEMAIS

Além de ruim de caráter, o dedo-duro autor da matéria sobre minhas queixas contra a Justiça Eleitoral ("Jornal da Cidade", 18/11/76) é ruim de ouvido. O sociólogo citado por mim, ao microfone da Difusora, chama-se Snow, Charles P. Snow, e não Thoreau. E agora, com licença que eu vou ao banheiro. (E.M.)

GENTE FINA



Épa, épa! Na falta de coluna social, esta semana, vamos ver, em regime de emergência, o que anda fazendo essa gente fina por aí:

1) Jackie ex-Onassis (ex-ex-Kennedy) foi convidada para vir ao Brasil para badalar no carnaval. Aceitou com uma condição: nada de compromissos, nada de entrevistas, e programas só os que ela mesmo marcasse. Naturalmente mandaram a madame se roçar nas ostras.

2) Raquel Welch não é mais namorada do brasileiro Paulo Pilla. A ingrata andou desfilando em Los Angeles com outro a tiracolo. Agora se o Paulinho tiver que voltar à sua antiga profissão, o jornalismo, há quem garanta que ele vai morrer de fome. Primeiro, pela inveja dos ex-colegas. Segundo, por escassez de talento.

3) Cristina Onassis, no Rio, está recusando todos os convites para festas e reuniões. Diz que não gosta de badalação, e está aqui só para cuidar de negócios. A moça não chega a ser uma beldade, mas é dona de 17 navios. Dizem que no Rio nunca apareceu tanto marinheiro como agora.

E vamos parando por aqui, por absoluta falta de matéria prima. (S.V.)

DEU NO PASQUIM:

CATEDRAL SUBMERSA

Olhai, mais gente nas garrafas. E desta vez foi em Jundiaí. Ao tentar temperar uma salada, uma senhora, vendo a relutância do vinagre em sair da garrafa, reparou que havia um corpo estranho boiando no líquido (no dia anterior, ela e o marido já tinham sofrido problemas intestinais, usando o mesmo vinagre). O nome do vinagre é

Catedral, e o corpo estranho nem era tão estranho assim. Suspeita-se de que seja parte de um outro corpo, humano: um órgão genital masculino.

A notícia, que apareceu no Jornal de Jundiaí não diz o que aconteceu com a fábrica de vinagre Catedral. Eu gostaria de saber". José Eduardo Mendonça, de São Paulo)

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR

E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6398, 434-6598 e 434-6798.

SUPERMERCADO

ELIAS

**ONDE VOCÊ FAZ
MAIS ECONOMIA**



R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

**ACOUQUE E CASA DE
CARNES MARCIO CACEZES**
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone: 6-4880

FOTO GELLI
Rua do Rosario, 334
Fone 4-2253

FOTO LUIZ
Agora em novas
instalações.
Rua São José, 22

COMÉRCIO DE COUROS
Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.o 1 — 60,00
Bola futebol n.o 2 — 74,00
Bola futebol n.o 3 — 97,00

Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
Fone 436-1541



Fávoro: prefeito



Duílio: vereador



Lázaro: vereador



Ademércio: advogado

Os fortes rumores que circularam na semana passada dizendo que a posse de Pedro Fávoro estaria ameaçada, não procedem. Aqui, as explicações.

Fávoro: posse sem problemas.

O Jornal da Tarde, de terça-feira da semana passada, publicou esta notícia:

"A decisão do STF de considerar nulos os votos de candidatos submetidos a processo criminal, anunciada um dia depois das eleições, somente se aplicará aos candidatos cujo registro tenha sido formalmente impugnado na Justiça Eleitoral. Se não tiver havido prévia impugnação do registro, os votos dados a esses candidatos não serão anulados. E, no caso de anulação, os votos não favorecem o partido ao qual pertença o candidato, porque são votos considerados inexistentes. São informações colhidas ontem no Supremo".

Durante a semana passada, houve rumores na cidade de que a eleição de Pedro Fávoro estaria ameaçada por uma Ação Popular que o condenou, mais os vereadores de sua gestão, a devolver o que haviam recebido com o aumento de subsídios e verba de representação aprovados pela Câmara. Como não se configurou nenhum crime — e seu registro foi aceito —, a posse de Fávoro e de dois vereadores da época, agora reeleitos, está garantida.

Durante a gestão do prefeito Pedro Fávoro, foi aprovado um aumento de subsídios e verbas de representação para o prefeito e vereadores, o que contrariava disposto constitucional. Moveiram uma Ação Popular contra isso, e ela ganhou na Justiça. Mas, a reeleição de Fávoro e dois vereadores da época não está ameaçada, devido ao caráter estritamente cível da ação.

O atual advogado dos réus, Ademércio Lourenço, conta a história do processo:

"Os generais Carlos Gomes de Alcântara e Júlio Canrobert Lopes da Costa, mais o médico Murillo Rodrigues Viotti, impetraram uma Ação Popular que visava a anulação dos atos tidos como ilegais e a devolução dos benefícios conseguidos, na época, estimados em Cr\$ 50 mil.

"Os envolvidos eram o então prefeito Pedro Fávoro, o vice Virgílio Torricelli, e os vereadores Fronzáglia Junior,

Armellino Fioravante, Angelo Pernambuco, Benedito Elias de Almeida, Carlos Gomes Ribeiro, Duílio Buzanelli, Geraldo Dias, Hermenegildo Martinelli, Joaquim Candelário de Freitas, José Pereira Paschoa, Lázaro de Almeida, Luiz Poli, Moacir Figueiredo, Oswaldo Bárbaro, Paulo Ferraz dos Reis, Rogério Giuntini, Romeu Zanini, Waldemar Garcia, Waldemar Girolla, Walmor Barbosa Martins e Wanderley Pires.

"A Ação foi julgada procedente pelo hoje juiz aposentado Ademar Gomes da Silva, no dia 28 de maio de 1969. Os réus foram condenados à devolução das quantias recebidas, mais correção monetária e foi declarado nulo o ato n.º 51 de 13 de fevereiro de 1968, que aumentou os subsídios e as verbas de representação.

"Houve recurso ao Tribunal e foi confirmada a sentença, incluindo que deveriam incidir juros na devolução a

partir da citação dos réus. O então advogado deles não recorreu da decisão ao Supremo Tribunal. Em maio de 1971, Alcimar Alves de Almeida, Francisco Vicente Rossi e eu passamos a advogar para os réus.

Foi proposta a ação para rescindir o pronunciamento do Tribunal porque exigiu a devolução com correção monetária sem que existisse lei que assim o determinasse, já que a correção monetária só pode ser aplicada em virtude de lei.

"Argumentamos que o próprio presidente da República, o marechal Castelo Branco, durante sua gestão, baixou o decreto lei 40, de 20 de agosto de 1964, corrigindo os próprios subsídios. E ninguém se insurgiu contra esse fato.

"Nós consideramos que o prefeito, em 64, ganhava Cr\$ 100,00, o que deveria ser mantido até 69, e Cr\$... 20,00 de verba de representação. Ora, com Cr\$ 100,00 não era possível ao prefeito subsistir e tampouco representar a cidade com apenas Cr\$ 20,00, o que não dava para pagar nem um aperitivo. Naquela época, a inflação era muito grande: em 64 foi de 90,5%; em 65, 56,8%; em 66, 38%; em 67, 28,2%; em 68, 24,2% e em 69, 20,8%. Com isso, praticamente o prefeito não recebia nada.

"A nossa ação rescisória foi julgada improcedente. Com isso, a ação de execução, que corre pela Comarca, prosseguiu e foi feita a liquidação. Nós procuramos

embargar, mas o Tribunal rejeitou os embargos. Agora, o processo está na fase executiva, devendo os réus serem citados para pagar a importância global de Cr\$

"O juiz fixou, na sentença de liquidação, que o recolhimento seria em parcelas mensais proporcionais à capacidade de pagar dos réus, o que levará um grande tempo"

O advogado Ademércio acha que houve muitas irregularidades no processo, por exemplo o fato de que em todos os atos não foi ouvido o advogado do espólio do ex-vereador Candelário de Freitas. Nas suas explicações, ele disse:

"A devolução do dinheiro com a correção monetária é típica de uma condenação exagerada, tendo em vista que se não houvesse o aumento de subsídios o prefeito não poderia manter a família. Isto porque houve uma grande queda da moeda na época, ocasião em que até os diretores da Prefeitura já ganhavam mais que o prefeito.

"Sobre o aspecto moral a execução dessa ação traz consequências imprevisíveis contra dois honrados homens falecidos. O professor Freitas dedicou toda sua vida a lecionar Português a várias gerações, deixando uma única casa a sua família, que terá de vendê-la para pagar ao Poder Público, a quem o falecido prestou relevantes serviços sem remuneração, como vice-prefeito.

"O ex-vereador Geraldo Dias foi jornalista conceituado, morreu pobre, exercendo "ratuitamente o mandato de

vereador, já que militou na política até seus últimos dias"

Sobre os rumores que circularam na cidade durante a última semana Ademércio esclarece:

"A ação cível não impede que qualquer dos citados assumam o cargo e exerça o mandato outorgado pelo povo. Na Ação Popular, não existiu nenhum crime que pudesse impedir a posse do prefeito ou dos vereadores reeleitos. São devedores civis como quaisquer outros. Se executados, terão que cobrir o débito, de acordo com a liquidação em prestações mensais, com base em seus vencimentos.

"Tanto isso é verdade que o penúltimo prefeito, Walmor Barbosa Martins, era réu na Ação, mas foi votado, eleito e empossado. Há mais dois argumentos: se o simples pagamento de um cheque sem fundos elimina o crime, segundo decisões do Supremo Tribunal, como admitir que, na Ação Popular, uma dívida cível, não possa acontecer o mesmo. No crime de sonegação fiscal, a lei determina que fica elidido o crime se o infrator efetuar o pagamento. Um caso semelhante ao de Jundiá, julgado em Campos, Rio de Janeiro, não tem aplicação no caso local, já que lá houve também ilícito penal e não apenas ilícito civil.

"O prefeito Ibis tem contra si diversas Ações populares. Se for provado ilícito penal na Ação, ele não poderá concorrer a qualquer cargo eletivo, por exemplo, a deputado".

Os ameaçados falam.

Se a decisão do STF tivesse procedência no caso de Jundiá, três recém-eleitos estariam ameaçados de não assumirem os cargos: o prefeito Pedro Fávoro e os vereadores Lázaro de Almeida e Duílio Buzanelli, réus da Ação Popular. O Jornal de 2a. Feira ouviu os três a respeito do caso.

Jornal de 2a.: Como o senhor recebeu a condenação para devolver o que havia recebido como prefeito (vereador)?

Pedro Fávoro: Na verdade, ainda não fui citado para devolver qualquer importância recebida durante minha gestão de Prefeito. Todavia, julgamento do povo e decisão da Justiça aprendi a receber sempre com respeito e humildade.

Lázaro de Almeida: Recebemos com serenidade a decisão judicial, movemos uma ação pretendendo rescin-

dir a sentença exarada e ainda não recebemos citação para a devolução das importâncias que tínhamos recebido incorretamente.

Duílio Buzanelli: Não recebi nenhum comunicado de condenação, nem pela Justiça, nem pelo meu advogado.

J 2a.: Qual era a sua posição na época em que a Câmara decidiu pelo aumento dos subsídios e verba de representação?

P.F.: A Câmara acompanhava decisões vindas dos mais diversos escalões do governo, tanto do Executivo como do Legislativo. E a minha posição, na época, era a de um Prefeito que governava uma das maiores cidades do Estado e recebia, entre subsídios e representação, Cr\$ 120,00 por mês.

L.A.: Baseado em decisões idênticas tomadas em diversos setores do

Governo, inclusive em Câmaras de importantes cidades brasileiras, entendi justa a correção dos subsídios e das verbas de representação.

D.B.: O projeto que tramitou na Câmara na ocasião, e posteriormente foi aprovado, faz parte integrante no processo da Ação Popular.

J 2a.: Não foi aventado em nenhuma ocasião que o ato contrariava a Constituição? Pensou-se nas possíveis consequências?

P.F.: Quem legisla em matéria de subsídios e verba de representação para o Prefeito é a Câmara Municipal. Esse órgão deve ter analisado o problema em todos os seus aspectos.

L.A.: A matéria é polêmica e as interpretações são variadas. Entendemos agir, pois, baseados na Justiça. O princípio que não se deve legislar em causa própria existe para coibir abusos e abu-

dos a Câmara não praticou: antes, agiu sempre com muito critério e com muito equilíbrio.

D.B.: Alguns eram favoráveis e outros contra, baseando-se em casos semelhantes aos de Jundiá. Coube à Justiça decidir.

J 2a.: A que motivos o senhor atribuiu o fato daqueles três cidadãos terem impetrado a Ação Popular?

P.F.: Só eles realmente poderão responder a essa pergunta e especificar os seus motivos. Diria apenas que o cidadão age movido pelas razões mais diversas e instando a citá-las, esconde, na maioria das vezes, as verdadeiras.

L.A.: Desconheço os motivos que levaram os cidadãos a moverem contra nós essa Ação Popular.

D.B.: Não sei o que poderia ter levado essas pessoas à Ação Popular.